PAGINA ABERTA

Conflito no Xingu

SANGUE DE PEÃO MOLHA TERRA DE ÍNDIO INVADIDA POR FAZENDEIRO

Onze peões foram mortos a bordunadas no dia 8 de agosto num ataque em que parti-ciparam indios das nações Txukarramae, Trumai, Juruna, Suiá, Kayabí e Kreen-Akore que, pela primeira vez realizaram uma ação unificada na defesa do seu território. Os peões foram enviados pelo dono da fazenda São Luis, sr. Luis Carlos de Souza Lima, recebendo um salário de fome para desmatar a

Esta não é a primeira vez que peões caem em ciladas montadas por fazendeiros. No final de 1976 um ataque na fazenda Agropexim, instalada dentro de território indígena. Mataram dois peões. A noticia só foi divulgada em 1977 pela FUNAI. Os fazendeiros já haviam provocado os indios dando tiros. O então diretor do PNX, Olympio Serra foi ao local do conflito com a Policia Federal, "na esperança de que esse pessoal fosse preso pela agressão aos indios; mas infelizmente nada aconteceu com eles"

O PORANTIM imediatamente deslocou-se para Brasilia onde os líderes indígenas negociavam com a FUNAI um tratado de paz. Entrevistamos os lideres Raoni, Mekaronty e Aruiavi e o peão ferido que conseguiu escapar, além de registrar os depoimentos dos fazendeiros (pp.segs) e as notas de protesto da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) e da SBI (Sociedade Brasileira de Indigenistas).

Durante as negociações que se estenderam por uma semana, o coronel Nobre da Veiga garantiu aos líderes indígenas que iria desviar o traçado da Br-080 que corta o Parque Nacional do Xingu, além de jurar que iria criar uma faixa de 15 Km., área neutra de amortização a ser administrada pelo IBDF.

Nobre da Veiga deslocou-se com agentes da FUNAL SNI e Policia Federal para uma reunião com os fazendeiros da região, realizada no lugarejo denominado São José de Bang-Bang, município de Luciara, Mato Grosso. Lá, o presidente da FUNAI sofreu a humilhação e os gritos dos fazendeiros que

exibiam certidões negativas dadas pela própria FUNAI quando dirigida pelo gal. Bandeira de Melo. Foi objeto ainda de outras acusações que o atingiam pessoalmente: os fazendeiros afirmaram que a FUNAI já estava avisada há mais de três semanas da possibilidade do conflito e nada fez. Em declarações ao PORANTIM, o lider RAONI confirele pessoalmente havia avisado ao diretor do PNX, sr. Francisco de

Depois de se reunir com os índios que protestaram porque ele havia discutido apenas com os fazendeiros, o coronel Nobre da Veiga voltou atrás e disse que não modificará o traçado da estrada (Ver artigo de M. Moreira).

Quanto à área neutra de amortização, o coronel foi excessivamente "generoso", porque o último decreto sobre o PNX, datado de 13 de julho de 1971 e assinado por Garrastazu Médici confirma 40 km das margens direita e esquerda do rio Kuluene prolongando-se pelo rio Xingu em toda sua extensão norte-sul, para os índios. De acordo a este decreto de nº 68.909, a parte ao norte da estrada seria desligada do Parque, mas "permanecera sob o regime do art. 193 da Constituição, enquanto habitada com caráter de permanência pelas tribos indigenas que atualmente nela se encontram" (ver pp. centrais). Portanto, a proposta de Nobre da Veiga, não aceita pelos fazendeiros, rouba os índios em pelo menos

Para compreender melhor a situação do PNX, o PORANTIM ouviu o seu ex-diretor Olympio Serra(p. 20 e páginas centrais) e está publicando na integra um artigo de Eduardo B. Viveiros de Castro que já foi publicado em forma mutilada pela revista ISTO E e em forma resumida pela revista NIMUENDAJU. Olympio acha que enquanto não for resolvido em forma definitiva os limites do Parque, novos conflitos surgirão com a morte de inocentes peões patrocinada pelos fazen-



Raoni depois da reunião de negociação em Brasilia.

FAZENDAS QUE IN-VADIRAM O NORTE DO PARQUE DO XINGU E AGORA NÁO QUEREM SER ATIN-GIDAS PELA FAIXA DE **AMORTECIMENTO**

- 1. Camaçari
- 2. Belina
- 3. Quadrante
- 4. Bom Mirar
- 5. São Bento 6. Santa Fé
- 7. Joiara
- 8. Estrela D'Alva
- 9. Volta Grande
- 10. Peti
- 11. Ariata
- 12. Filipina
- 13. Granja do Norte
- 14. Santa Catarina 15. Serrana
- 16. Rio Xingu
- 17. Ouro Verde
- 18. Três Ranchos 19. São Paule
- 20. São Luís proprietária Luís
- Carlos da Silva Lima
- 21. Granja Rezende
- 22. Benés

COMO O TUTOR ENROLA TUTELADOS

A Estrada BR-080 (Brasilia-Manaus) não será desativada. O cacique Raoni, chefe dos Txukarramãe do Kretire, contrariando uma posição de dez anos, não quer desativar a estrada preocupado com "os parentes". Os parentes, no caso, são os Mekranotire que vivem abaixo da Cachoeira Von Martius. Mas esta nova posição de Raoni vem causando estranheza. Por um lado a concordância da estrada no parque __ exatamente na hora em que se vislumbra uma possibilidade de afastála 300 quilômetros rio abaixo, e em segundo lugar uma declaração de Raoni: "Acho que os brancos deviam logo matar todo mundo e pegar as nossas terras"

Esta declaração do cacique foi feita 24 horas depois do encontro entre os caciques do norte do parque e o presidente da FUNAI, no Posto do Kretire. A imprensa não teve acesso ao encontro porque o coronel Nobre da Veiga viajou" "de surpresa", segundo informa o assessor de imprensa do órgão, Silvio Reiner. Na verdade esta viagem não foi tão de surpresa porque todos os caciques das nações do norte estavam reunidos no Kretire: Raoni, Krumari e Kremuro, dos Txukarramãe; Karanini, dos Juruna; Cuiuci dos Kajabi e Cuiabano, dos Suiá. Todos estes chefes moram bem . distantes do Posto de Kretire.

encontro pois as únicas informações chegadas a Brasília têm como fonte a assessoria de imprensa da FUNAI que não teria o menor interesse em contar se tutor e tutelados se enfrentaram, se houve ameaças ou pressões. O que se sabe de concreto é que o cacique Raoni, que sempre se distinguiu por sua luta em defesa da terra e por não se curvar diante da estrada estava abatido, apressado, cansado de guerra.

VIGILÂNCIA

Outros pontos discutidos na reunião do dia 21 no Kretire dizem respeito à segurança dos

produtos dos fazendeiros (vigilancia nas margens do rio Xingu) e a faixa de amortização, ponto que nem deveria ser discutido uma vez que desde a criação do parque os índios são proprietários de 40 quilômetros tanto na margem direita como na margem esquerda do rio Xingu. A nova faixa terá 20 quilômetros, ou seja menos 20 para os índios.

Os postos de vigilância funcionarão nas margens do rio sob os cuidados da Polícia Militar de Mato Grosso. Algumas das ações da PM matogrossense se transformaram em manchetes de jornais, entre elas o assassinato do missionário João Bosco Penido Burnier. É preciso levar em consideração ainda que a PM de São José do Xingu (mais conhecida como Bang-Bang) foi formada pelos próprios fazendeiros, como contou Moacir Prata Pereira, um dos fazendeiros de Luciara e que está disposto a se armar contra os índios. Disse ele que os fazendeiros se reuniram, pagaram a polícia, deram-lhes alojamento e alimentação e depois o Estado de Mato Grosso reconheceu a unidade policial. Como se pode confiar numa polícia paga pelos fazendeiros?

Outro sucesso obtido pelo coronel Nobre da Veiga em seu encontro com as lideranças in-digenas foi a promessa feita pelos índios de que não atacarão mais os caraíbas. Esta nova trégua concedida poderá, entretanto, sei quebrada. Para isso basta que a Funai não cumpra o prazo de dois meses para retirar os fazendeiros e suas benfeitorias de dentro do território indígena. "Vamos lá tirar tudo", disse Raoni. Isto não é uma ameaça, é apenas a cobrança dos Txukarramãe que já estão cansados de promessas, como observou o líder Bedjai: "Caraíba vem aqui e promete que vai resolver tudo. Passa muito tempo e não resolve", disse ele referindo-se à promessa feita pelo ex- presidente da Funai, Adhemar Ribeiro da Silva e pelo Ministro Andreazza, em maio do ano passado. Tanto um como outro prometeram desviar o percurso da estrada e há um ano e três meses nações do norte esperam pelo cumprimento da promessa. Cumprimento agora praticamente impossível porque os índios "desistiram" não se sabe sob quais pressões ou novas promessas.

Mas vale um aviso: as tréguas dadas pelos índios têm pouca duração. A partir do momento em que eles desconfiarem de que acreditaram em mais uma palavra e que ela não se concretizou, eles voltam ao ataque. E o próximo poderá trazer conseqüências desastrosas para os habitantes do norte do Xingu. Depois da morte dos 11 peões na Fazenda São Luis, tanto os fazendeiros como a população de Bang-Bang só pensam em vin-

O resultado final de toda esta história iniciada há dez anos, quando o ex-superintendente da Sudeco, Sebastião Camargo Junior decidiu construir a BR-080 cortando o parque do Xingu e beneficiando suas propriedades, trazendo como consequência o sarampo do Jarina e os ataques e mortes na Agropexim, culminando com este último ataque onde morreram 11 peões (contratados por dois mil cruzeiros pela derrubada de cinco hectares) é conhecido: os líderes vieram a Brasília e ficaram trancados com a direcão da Funai e a Polícia Federal antes de serem apresentados para a imprensa, o presidente da Funai conversa com os fazendeiros que não querem desativar a estrada porque terão prejuízos financeiros, a Funai anuncia mais uma vez que vai desativar a estrada e finalmente um cansado, magro e abatido chefe indígena diz que a estrada permanece, desmentindo acordos feitos em Brasília, e anunciados para a grande imprensa como a salvação, quando na verdade era apenas um engodo para se ganhar tempo e evitar e novos ataques dos índios em defesa de seu território. (M. Moreira).

Conflitos no Xingu

Délio, o peão ferido, conta tudo

"O FAZENDEIRO ENGANOU. PEÃO NÃO SABIA QUE A TERRA ERA DE ÍNDIO"

"Eu não sabia que a terra era dos indios. Se eu soubesse eu não iria lá. Nós fomos enganados pelo fazendeiro" declarou Délio Ribeiro Soares

um dos sobreviventes do conflito onde morreram onze peões __ em entrevista ao PORANTIM, 15 de agosto, numa cama do quarto 1.019 do Hospital de Base de Brasília [HBB], logo após ser operado.

Délio contou como onze peões foram mortos no dia 8 de agosto num ataque de 91 indios pertencentes a 6 nações diferentes. Os indios defendiam seu território que estava sendo desmatado por ordens de um fazendeiro, na margem direita do Xingu, na área Exukarramae.

Como Délio, milhares de penes desenraizados de sua terra natal, em geral do Nor-deste e de Minas Gerais, são forçados a trabalhar em fazendas do Mato Grosso por um salário de fome, muitas vezes ameaçados por exércitos par-ticulares dos latifundiários. Pulando de fazenda em fazenda, esses "destribalizados" em sua própria "tribo", passam longos períodos desempregados e mendigam para sobreviver. Esses peões enfrentam uma longa tragédia, que se torna mais dolorosa ainda com a armadilha fabricada pelos fazendeiros, transformando-os em pelotão de choque para roubar o território indígena e em bucha de canhão.

BEBENDO URINA

"Era mais ou menos 12 horas do dia. Nós tava trabalhando e os indios mandaram chamar nós. Arrodearam a gente. Falaram, falaram, mas ninguém entendeu nada. Eles falam meio arrevesado. Aí botaram a gente nu e começaram a bater. Eram uns 30. Deram umas bordunadas no meu braço e no meu ombro", comenta Délio, sentado em sua cama no HBB. Ele acaba de ser operado no braço esquerdo, com relativo sucesso..

"Enquanto eles batiam, a gente gritava: "meu Deus, meu D[.] "s, "não batam mais". Ai bateram na minha cabeça, olha aqui! (mostra ao repórter o ferimento). Aí eu fingi que tava morto e aproveitei para fugir e me esconder no mato. Foi horrivel. Enquanto eu fugia ainda ouvi os gritos dos meus amigos, o Jair, o Luisão, que morreram. Mas eu não podia fazer nada e fugi".

Délio está bastante chocado e quando se lembra, tem crises de choro. Ele prossegue: "Eu andei no mato 12 horas, porque só cheguei em Bang-Bang à meia noite. Eu nem sabia nor onde tava indo. Foi Deus que me mostrou o caminho. Quando dava sede, eu urinava e bebia minha urina. O sangue descia, caindo, aumentava minha sede".

O peão ferido contou como chegou na casa do "gato" jempreiteiro) Benedito Holanda Medeiros, que o contratou: "Cheguei lá. Aí, o Benedito que tem um hospitalzinho na sua casa, me engessou. No outro dia, esse negócio de in-

avião para este Hospital". FAZENDEIRO ENGANOU

O PORANTIM indagou: Délio, o chefe do desmata-mento, o Terto José da Cruz, que escapou da morte porque não estava lá na hora, falou pros jornais que o Benedito, quando contratou, disse que se disse que se aparecesse índios, vocês não deviam reagir. Você também sabia que a terra era dos indios? Disseram isso prá

_ Eu não sabia que a terra era dos índios. Se eu soubesse,

... Mas o Terto disse que todo mundo sabia...

Eu mesmo não sabia. O Jair não sabia. O Luizão não Ao contrário. O Benedito dizia que a terra era do dr. Luís, Eles sabiam mas não disseram prá gente. Nós fomos enganados pelo fazen-

__ Mas os fazendeiros disseram lá em Bang-Bang pros iornais que eles estavam com pena de vocês. Chamaram até de "irmāos"...

Que irmão que nada. Fazendeiro nunca defendeu peão.

RAIVA DOS ÍNDIOS?

Délio, os indios disseram que não iam matar ninguém. Mas que uns peões xingaram e eles ficaram com raiva. Quem foi que xingou?

Ninguém xingou não. Ninguém falou nada. Ninguém reagiu. A gente não tinha um só canivete para resistir.

Então você ficou com raiva dos indios?

. Não fiquei com raiva dos indios porque a terra é deles e nós fomos enganados. A gente era inocente, não sabia. No meu modo de pensar, o fazendeiro é que é o culpado. O que o sr. acha? O fazendeiro mata quando se invade a terra deles. Eu é que nunca tive um pedaço de terra prá trabalhar. Se eu pudesse comprar uma terrinha, até que seria bom. Mas se eu tivesse a minha terrinha, não gostaria que invadisse.

VIDA DE PEÃO

Selecionados esses trechos da conversa com Délio, parece que ele tem uma profunda consciência dos probelmas. Poderiamos acrescentar para fortalecer essa imagem que, em relação aos Cr\$ 200,00 por dia que lhe pagavam para trabalhar 12 horas, ele achou que "não vale nada, não dá para nada", sobretudo se sabemos que no lugarejo de Bang-Bang uma carteira de Minister custa Cr\$ 45,00 e um cobertor "pelo de rato" custa Cr\$ 250,00.

No entanto, Délio é um peão como todos os outros, simples, que acha "muito boa" a comida de arroz e com feijão que o fazendeiro lhe vendia. Mineiro de Montes Claros, 34 anos, ele nem sabe o que é FUNRURAL. Ele pretende voltar para sua terra, onde vivem seus 8 irmãos.

Normal também era para Délio trabalhar 12 horas por dia, como normal é pular de fazenda em fazenda. Como

todo peão, ele trabalha de 2 a 3 meses numa fazenda e daí vai para outra. Está há 8 meses em Mato Grosso saltando aqui e ali, depois de fazê-lo durante muitas anos em Goiás.

"DESTRIBALIZADOS"

Dos 18 peões que estavam desmatando os 15 alqueires de terras indígenas para o fazendeiro Luis Carlos Silva Lima, 7 sobreviveram: Délio que ficou ferido, um outro que estava ausente, e cinco que conseguiram fugir, entre os quais um mineiro, um paraibano, um cearense, um piauiense e um baiano: todos desenraizados da sua terra.

Baiano, de 49 anos, é Terto José da Cruz, o chefe do desmatamento, espécie de ca-pataz contratado pelo "gato" Benedito Holanda, ele mesmo do Rio Grande do Norte.

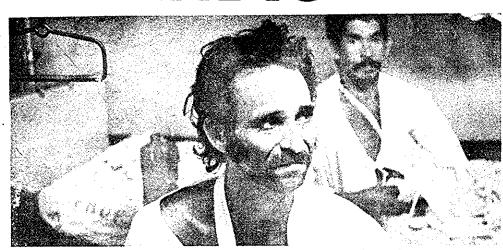
Piauiense de 30 anos, natural "Sem Vão" é outro sobrevivente, Manoel de Souza, que junto com Terto havia saído em busca de mercadoria no momento do ataque. Ele está há 5 anos no Mato Grosso e já passou por dezenas de empreiteiras, correndo sempre o risco de enfrentar o dilema: ou entra num trabalho "sujo" e duro ou fica desempregado, como agora em que todas as empreitadas na área foram suspensas por temor aos índios que perambulam em busca de caça e de penas de arara.

No lugarejo de Bang-Bang podem ser vistos diariamente peões bêbados na rua ou nas portas de um dos 40 bares de um povoado que tem apenas 150 casas. Ou mendigando como o peão Sabino Borges de Oliveira, mineiro, 33 anos e há 9 anos emigrando desde o Jequitinhonha. Ele mendiga

biscoitos e cachaça. Sabino já trabalhou para a fazenda do dr. Luís. Ele diz: "Lá eu não dei sorte. Qualquer coisa era bater na gente. Tinha uma turma armada atrás da gente. Não consegui arranjar trabalho com essa turma que morreu lá nos indios. É, eu podia estar enterrado também. Mas não ia ter importância. Minha família nem sabe por onde eu vivo. E eu queria voltar pra minha terra com dinheiro daqui de Mato Grosso e trabalhar na praça com um Jeep. Mas nunca consegui botar mão no meu dinheiro".

A imagem do peão das fazendas de Mato Grosso: bêbado, desde às 8 horas da manhã, caído próximo ao campo de pouso como Sabino, ou fugindo pelo mato, vestido apenas com a cueca "Zorbinha" toda suja de sangue, como Délio, após participar, inconscientemente, de uma tentativa dos fazendeiros para apoderar-se de território indígena.

O secretário nacional do CIMI, Paulo Suess declarou: "Nós lamentamos muito esse confronto entre índios e peões, que na realidade devem se juntar para expulsar os latifundiários. O fato ocorrido mostra que não basta apenas se demarcar as áreas, mas também que o índio aprenda a reconhecer seus verdadeiros inimigos. Na verdade, os peões são os escudos dos grandes latifundiários".



Délio, o peão ferido, quando falava ao PORANTIM no Hospital de Base de Brasília

FAZENDEIROS DEBANG-BANG **JOGAM A CULPA NA FUNA**I

fazendeiro Jerônimo Alves Filho, um aviso para a população de S. José do Bang-Bang, um lugarejo de mil almas que carece de jornal: "Amanhã (14 de agosto), reunião com o presidente da FUNAL, senadores e fazendeiros, às 10 horas"

Os senadores, prudentes, não deram o ar de suas gracas, o que motivou o comentário do fazendeiro Luis Carlos da Silva Lima: "vou retirar o meu apoio do PDS". Mas em com-pensação, o coronel Nobre da Veiga compareceu antes das 10 horas acompanhado de agentes da Policia Federal, do SNI e do procurador do Estado do Mato Grosso, além dos subalternos da FUNAI: o diretor do DGPI, coronel Cláudio Pagano; do DGPC, coronel Ivan Zanoni Hausen.

Estes eram os atores, incompletos sem a presença dos índios Txukarramae que ficaram furiosos porque Nobre da Veiga não apareceu em sua aldeia conforme prometeu, preferindo discutir com os fazendeiros e não com os próprios índios. O palco, o próprio armazém. A platéia, com entrada grátis, era formada por bébados habituais do povoado de S. José do Xingu, mais conhecido como S. José do Bang-Bang ou simplesmente Bang-Bang. Todos encenaram os papéis que deles se es-peravam, durante as três horas que durou o espetáculo, inclusive a platéia que aplaudia ou

Os coronéis gritaram com os fazendeiros. Os fazendeiros gritaram com os coronéis. Mas, apesar do sugestivo nome do povoado, não houve troca de tiros, porque as divergências eram apenas metodológicas já que quanto aos objetivos todos queriam a mesma coisa: uma fórmula para preservar as terras dos referidos fazendeiros.

FÓRMULAS

O objetivo da reunião era tratar da morte, a bordunadas, de 11 peões que, contratados por um fazendeiro, desmatavam a área dos Txukarramae. E ainda discutir como é que a situação ficava depois de tudo aquilo. Diante dos enviados especiais da grande imprensa, os fazendeiros não hesitavam em deplorar "a morte dos nossos irmãos peões".

O presidente da FUNAI tirou logo do colete

duas fórmulas para solucionar o conflito: 1º. que se desviasse um trecho de 330 km. da Br-080 que faz a ligação de Barra do Garças à rodovia Cuiabá-Santarém. Este trecho cortou o Parque Nacional do Xingu no início da década atual; 2º, que se criasse uma zona neutra de amortização entre fazendeiros e índios, de 15 km., estabelecendo uma reserva florestal do IBDF. Com esta última proposta, os indios perdem pelo menos 25 km. do seu território.

Mas os fazendeiros não gostaram e reagiram com virulência. Não só rejeitaram as propostas como exigiram a reativação da BR-080, semi-paralisada desde março de 1979 por determinação do Ministério dos Transportes. Luis Carlos da Silva Lima, proprietário da fazenda São Luis e responsável pelo envio dos peñes para a área indigena, fez um longo discurso não aplaudido pelos bêbados, que ter-

minou assim: "Não aceitamos de forma alguma a resposta do Governo. Ela é uma afronta ao povo brasileiro" (fassim mesmo!) Por povo brasileiro, o Sr. Luis Carlos entende apenas os fazendeiros, evidentemente. Ele prosseguiu: "Para que construir outra estrada? O Governo não está sem dinheiro? Se tem dinheiro sobrando __confessou ele, tentando ironizar o Governo devia nos dar". E admitiu o

velho hábito: "Por que vocês não dão esse dinheiro para a gente?" Sua proposta tinha um sentido já que, como ele mesmo disse, "esta região é hoje considerada como de prioridade econômica pelo governo e a prova disto é que recentemente foram liberados vultuosos recursos para empréstimos aos fazendeiros

CULPA DA FUNAL

Os fazendeiros alegavam que não são marginais e que "foram convocados pelo próprio governo para investir na Amazônia", conforme falou Hélio Russo, fazendeiro paulista que diz ter comprado as terras quando se comecou a construir a estrada.

Luis Carlos da Silva Lima, que também é advogado com escritório em Goiânia, mais tarde, em entrevista ao Diário da Manhã, declarou que "a culpa de tudo é da FUNAI". Como prova ele exibiu a Certidão Negativa de nº. 00027, expedida pela FUNAI em 1973 e assinada pelo seu presidente na época, general Bandeira de Melo, atestando a inexistência de indígenas na área que Luis Carlos diz ser da sua fazenda. Para Luis Carlos, "A FUNAI sabia que os ín-

dios fariam um ataque às fazendas da região, pois fora avisada pelo dono do armazém de Bang-Bang e nada fez para evitar o inciden-'. Mas, no final, os fazendeiros desesperados abriram o jogo e disseram o que pensavam: "A culpa é de dom Pedro Casaldaliga que insuflou os índios". Nobre da Veiga tam-bém recuou e disse: "É, vamos acabar com esa história dos índios estarem exigindo tudo". Ele prometeu ainda "enviar a polícia do Mato Grosso para dar proteção a vocês todos". Na verdade, entre a policia de Mato Grosso e o exército particular montado pelos fazendeiros, composto de jagunços, não se sabe o que é pior para os índios. No final de toda a História, após a reunião de Nobre da Veiga com os índios, tudo voltou à estaca zero. Mas, para o ex-diretor do PNX, Olimpio Serra, enquanto houver esta indefinição de limites territoriais, continuará havendo muitos con-

Colored Agentia Air etclished to anteres the agential flamest



Conflitos no Xingu

A opinião dos fazendeiros

"INDIO É CACHORRO"

O clima em Bang-Bang, já habitualmente tenso, ficou mais pesado ainda no mês de agosto. O fazendeiro Luis Carlos incitava abertamente os demais fazendeiros contra os índios, como o fez também o sargento Leal, sub-oficial da FAB, o primeiro elemento da FUNAI a chegar na área depois da morte dos peões. Ele dizia aos fazendeiros: "Lembrem-se do que aconteceu em Pimentel Barbosa, quando os Xavante acabaram tomando a fazenda".

Circulou em Bang-Bang a informação de que um dos 8 aviões que pousaram no dia 13 de agosto lá estava carregado de armas para os fazendeiros. As frases pronunciadas durante a reunião são dignas de uma antologia racista anti-indio.

Fazendeiro Luis Carlos: "Eu concordo que o índio tem direito à vida, mas é preciso se compreender que ele é um animal, precisa ser educado. Se fizermos todas as suas vontades, ele não se educará nunca. Caso o Governo ceda às exigências, isso será um prêmio ao massacre".

Outra frase contraditória do mesmo fazendeiro: "O índio não é mais aquele do Estatuto do Índio, um incapaz; hoje, eles são em tudo iguais ao branco, com uma única diferença: podem fazer o que lhes der na cabeça".

Fazendeiro Moacir Prata Pereira (gritando: pode escrever isso aí que eu assino): "Índio é igual a cachorro. Eles todos são andarilhos, ladrões preguiçosos, assaltantes. Mighas galinhas tem melhores condições do que eles".

O mesmo Moacir Prata, dono da fazenda Boa Esperança: "Se algum índio aparecer na minha terra, eu mato sem pensar.

Fazendeiro Hélio Russo: "Isto é uma guerra. Podemos, cada fazendeiro dar um milhão de cruzeiros e, juntando cem milhões, comprarmos os armamentos mais sofisticados... Nos vamos mostrar a eles que também nos sabemos matar".

Fazendeiro Hamilton Oliveira, dono da Fazenda Santa Rita: "Eu não gosto de índio e não tenho segurança. Ou se toma uma medida definitiva ou serei obrigado a colocar gente que cuide de minha segurança nas terras".

Luis Carlos da Silva Lima chegou a dizer: "Não adianta filosofar. Acho que somente o Exército poderá solucionar os, conflitos. Nos Estados Unidos, os problemas com os silvícolas só foram solucionados com a Policia Militar. É certo que morreram muitos índios..." (R.B.)

A opinião da CNBB e da SBI

"RECONHECER A EXISTÊNCIA DAS NAÇÕES INDÍGENAS"

Diante da crise do Xingu, o secretário-geral da CNBB, Dom Luciano Mendes de Almeida, assim como a Sociedade Brasileira de Indigenismo (SBI), fizeram pronunciamentos reafirmando os direitos indígenas de serem respeitados como nações, garantindo a autodeterminação.

"Dois pontos são importantes: primeiro, o reconhecimento da existência de nações indígenas, com suas características próprias e seu direito à sobrevivência. Isso implica na demarcação de terras e na criação de parques que assegurem a vida própria dos indígenas; segundo, para evitar constantes desentendimentos e até a morte de inocentes indígenas, posseiros e peões, é indispensável a urgente demarcação das terras e o cumprimento dos acordos e promessas, alguns bens antigos.

Neste caso, entendemos melhor a situação Txukarramãe diante do corte de seu parque, a atribuição de títulos na área indígena e o impasse de trabalhadores contratados na área helicosa.

Embora só lentamente a sociedade tenha despertado para o reconhecimento da dignidade do indio e de seu direito à vida, hoje não podemos mais deixar de respeitar as nações indigenas brasileiras, criando condições eficazes para a existência dos parques, sem os quais o índio será definitiva e injustamente destruído". (CNBB)

FUNALE CULPADA

A Sociedade Brasileira de Indigenismo divulgou nota responsabilizando a FUNAI pela morte dos onze peões no Xingu afirmando que o ataque foi motivado pela não garantia das terras indigenas e pelo fato de a FUNAI manter na direção do Parque do Xingu "pessoa não qualificada no trato da questão indigena".

do Xingu "pessoa não qualificada no trato da questão indígena". A nota lamenta que a FUNAI tente transferir a responsabilidade de seus erros no Parque Xingu para o cacique Raoni. Líder indígena conta como foi o conflito

ARUIAVI: "EU PARTICIPEI. EU SOU ÍNDIO. EU SOU TRUMAI"

Nobre da Veiga: "Você não podia ter participado disto. Você é funcionário da FUNAI. Comporte-se como funcionário. Aruiavi: Eu participei. Eu sou índio. Eu sou Trumái. Nobre da Veiga: (colérico, gritando): Você é funcionário da FUNAI. Fun-cio-ná-rio (separando as sílabas). Aruiavi: (colérico, gritando): Eu sou índio. Eu sou Trumái. Nobre da Veiga: (possesso): Você vai ser demitido. Aruiavi: (firme) Pode demitir. Mas eu não posso ver a terra do meu povo sendo invadida e ficar de braço cruzado.

ste diálogo ocorreu no início das negociações no dia 13 de agosto, entre o presidente da FUNAI e os líderes indígenas do Xingu para resolver o con flito que culminou com a morte de 11 peões no último dia 8 de agosto. Nobre da Veiga ameaçou até com a Polícia Federal, mas pegou uns gritos do cacique Raoni le se calou.

Aruiavi, 31 anos, 5 filhos, líder do povo Trumái, é maquinista de lancha da FUNAI no Xingu. Apesar disto, ele participou diretamente da expedição contra os fazendeiros na defesa de seu território. Em entrevista ao PORANTIM, no dia 14 de agosto, nos corredores da FUNAI em Brasília, ele contou como foi o ataque, como os "índios tem consciência de que os peões não são os culpados", e opinou sobre o acordo.

O ATAQUE

"Os peoes estavam derrubando a mata a 4 km. do xingu. O jornal disse que era a 15Km. mas não era, era 4 Km., bem pertinho mesmo. Aí; o Raoni mandou que a gente fosse lá e mandasse os peoes embora. Éramos 91 índios de 6 povos, mas tudo parente: Txukarramae, Trumái, Suiá, Juruna, Kalabi e Kreen-Akore. Os peoes tavam derrubando nossa mata. O Raoni mandou a gente ir lá, meter medo neles e tomar as ferramentas. Ninguém ia matar eles. Só meter medo. Mas aí uns peoes gritaram, xingaram, chamaram a gente de vagabundo e preguiçoso. Aí a gente falou: vamos botar os peoes nús, dar uma surra de leve e mandar eles embora. Aí, começaram a bater devagar, aí eles xingaram, aí começaram a bater forte. Deixaram escapar um justamente para ele ir contar pros outros. A Polícia Federal veio depois, retirou os corpos. Foram enterrados ali mesmo. A FUNAI foi quem levou a Polícia Federal".

"Depois que saimos de lá passaram dois carros pela estrada. Os Txukarramae gritaram che não passassem: a estrada estava interditada. Disseram: "Van..., matar os homens desses carros também. Mas como os outros não tinham chegado, nós sentamos na beirà da estrada para esperar. O Bedjai ainda não tinha chegado, estava lá atrás com os outros. Al veio outro carro, com o balseiro. Disseram: Vamos pegar este. Al pedimos uma carona até à beira do rio. Perguntamos: — e os dois carros que passaram antes? O balseiro disse: É de longe, é da fazenda PIUM. — Você dá uma carona prá gente? O balseiro: — não tem gasolina. Aí a gente viu no tanque, tava vazio. Al eu disse: deixa ele ir embora. Ele foi. Quando o Bedjai chegou, contamos prá ele, o Bedjai disse: Devíamos ter matado este balseiro, porque ele é ruim".

"Depois, nós fomos até a beira do rio. Os Txukarramae furaram a balsa com talhadeiras, nos dois lados. Quando a água começou a entrar, empurraram a balsa pro meio do rio e a balsa afundou. Furaram a balsa porque é a estrada que dá dor de cabeça prá gente. Sem balsa, ninguém passa mais, porque só tinha uma balsa. Aí, nós voltamos pro Kretire de canoa. Pintados de preto, se dançou a noite toda".

OS PEŌES

"Os índios tem consciência de que os peões não são culpados. Culpados são os fazendeiros que mandaram os peões. Mas, como os peões é que estavam desmatando, cortando nossas árvores e xingaram, então o pessoal perdeu a paciência. A gente ficou com pena dos peões mortos mas ao mesmo tempo foi também bom, porque serve de exemplo, agora quando os fazendeiros mandarem os peões, eles vão ter medo. Os Txukarramae sabem que os peões são uns coitados, mas não deu prá unir índios e peões contra fazendeiros, porque os peões tavam muito nervosos. Agora, a UNIND pode ajudar muito se reunir todo mundo e discutir o que fazer. É bom ir mais gente, mais índio do Xingu prá reunião de setembro da UNIND".

A NEGOCIAÇÃO

"A FUNAI: não gosta que a gente participe de reunião. Outro dia o pessoal do DGO me disse: "Você não pode participar da reunião dos estudantes (índios que estudam em Brasília e criaram a UNIND). Nós não gostamos". Eles vivem falando que demitem a gente. O presidente da FUNAI, aqui em Brasília, disse que ia me demitir. Ele não gostou porque eu fui com os Txukarramae lá prá confusão. Ele disse que eu não podia ter participado: Você é funcionário da FUNAI. Comporte-se como funcionário. Eu disse: Eu participei. Eu sou índio. Eu sou Irumái. Ele ficou com muita raiva e gritou: Você é funcionário. Repetiu. Aí eu gritei também: Eu sou índio. Eu sou



Aruiavi, o líder Trumai, quando lia O PORANTIM após a entrevista.

Trumai. Aí ele ficou com mais raiva ainda e disse: Você vai ser demitido. Eu disse: Pode demitir. Mas eu não posso ver a terra do meu povo sendo invadida e ficar de braço cruzado. Eu fui mesmo e vi tudo. Eu não matei ninguém, mas vi tudo. Aí, o Mekaronty disse prà ele: "Se você demite o Aruiavi, também me demite".

"O presidente da FUNAI disse que a Polícia Federal tava atrás de quem matou, querendo dizer que prá me prender. Aí o Raoni disse, gritando: Então chama logo toda a Polícia Federal prá prender todo mundo".

"Depois disso, a gente se acalmou e discutiu calmo. Mas eu pensei: é, dizem que demite, mas não demite os brancos que são contra os índios como o Chico (Francisco de Assis, administrador do Parque Nacional do Xingu). O Chico já ameaçou me matar. Quando ele era chefe de Posto na Ilha do Bananal, ele dava murro no peito dos Karajá. Mas ele: ninguém demite. Agora, prá mim, a única coisa que podem fazer é cortar o salário, não podem me tirar de lá porque eu sou Trumai, eu sou indio". Eu estou sempre do lado do meu povo, na luta, se preciso for, até à morte".

O ACORDO

"Na reunião com a gente, o presidente da FUNAI disse que ia desviar a estrada, mas não disse quantos Km. A gente fica em dúvidas com tantas promessas. Ele pediu ao Raoni que deixasse os fazendeiros passar até o dia 1º. de julho de 1981, que a partir desta data ele mudaria o traçado da estrada. Ele disse que ia conversar com os fazendeiros, mas não apresentou nada de verdade, de concreto. Por isso o Mekaronty disse pro sr. Nobre da Veiga que a gente não podia fazer nenhum acordo sem consultar antes nossos povos, os antigos chefes. Temos de fazer reunião, assembléia, prá todo mundo decidir. O presidente da FUNAI pensa que a gente é burro. Se fossem roubar as coisas da casa dele, ele não gostava. Nós também não gostamos".

Para Mekaronty fazendeiro devia morrer e não peões

Cabelos compridos e lisos, 27 anos, Mekaronty, lider Txukarramae, sobrinho de Raoni, estava em São Paulo onde fora buscar sua mulher gestante que estava tendo um filho. Recebeu um telefonema da FUNAI, chamando-o urgentemente à Brasilia; até então ele continuava sem saber que 11 peões haviam sido mortos no conflito e só foi informado vendo o noticiário da TV.

No momento em que o PORANTIM encontrou Mekaronty, dia 14 de agosto, quinta-feira, 11 horas da manhã, ele estava na sala de comunicação social da FUNAI dando entrevista ao editor-assistente da VEJA, sucursal de Brasília, Luis Cláudio Cunha, sob o olhar atento de dois subalternos da FUNAI: Srs. José Coelho e Sylvio Reiner.

Os repórteres do PORANTIM se identificarani e os dois subalternos da FUNAI pediram que esperassem. Chamaram Mekeronty em particular e, tikiti-tikiti-tikiti, cochicharam no ouvido dele. Mekaronty voltou e sob o olhar agora duro dos dois subalternos disse que estava muito ocupado, que não podia dar entrevista ao PORANTIM (mas continuou falando a VEJA, com a permissão dos dois subalternos). Tudo bem. Convidados a retirar-se da sala, os dois repórteres do PORANTIM sairam e ficaram "de tocaia". Acabaram entrevistando Mekaronty em plena estação Ro-

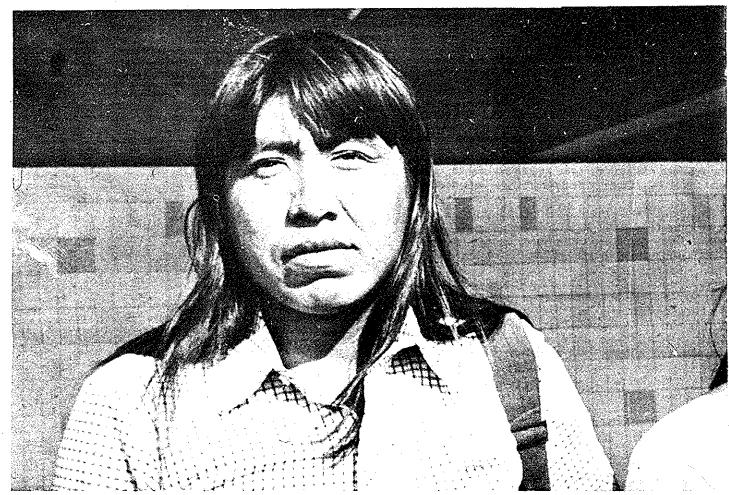
Mekaronty exerce atualmente funções de chefe de Posto no Kretire -Parque Nacional do Xingu, mas recebe da FUNAI um salário de armazenista, muito baixo por sinal. Apesar de sua ligação com a FUNAI, o lider Txukarramae botou quente na entrevista, afirmando que lamentava a morte dos peões: "se fosse fazendeiro, a gente deixava matar sem muita pena, mas peão está pior do que nós". Deu ainda uma espinafração no presidente da FUNAI e disse que não existe acordo nenhum.

PROMESSA OU ACORDO?

P. O que você achou do tratado de paz assinado com a FUNAI? Você participou das reuniões, não foi?

R. Oh, rapaz, esse presidente, rapaz, fala muito rápido e depressa.

Logo que começou a reunião com o presidente, ele começou a gritar. Ai, meu tio Raoni também ficou nervoso e gritou também. Daí eu pedi para o presidente falar com calma e explicar tudo. Mas nós, eu e meu tio, não estamos de acordo com o acordo. A gente tem de voltar prá aldeia e falar com os outros chefes: Trumae, Juruna, Kaiabi, Suiá, Kreen-Akore que participaram desta briga. Os chefes



Mekaronty, líder Txukarramae, foi pressionado para não dar entrevista ao PORANTIM, mas assim mesmo talou

antigos tem de dizer o que eles acham do acordo. Nem adianta eu e o meu tio fazer o acordo, porque se os outros indios não gostam, a confusão continua

P. Então, em principio, não existe acordo nenhum: existe só essa promessa?

R. É. Só essa promessa. Até o 1°. de julho do ano que vem, a estrada vai mudar de lugar, vai passar em outro lugar. Também, a FUNAI prometeu que vai demarcar essa parte aqui de 15 km (indica no mapa a margem oposta do Xingu ao Posto Jarina, ao norte da BR-080)

P. É isso o que vocês queriam?

R. Não. O meu tio Raoni quer 40 km. como está na lei. Está na lei: 40 Km. dos dois lados do rio. Mas eles falaram só 15 ou 20 Km, então ninguém està contente com isso.

P. Com relação ao desvio da estrada, por onde ela vai passar?

R. Aqui na primeira cachoeira.

P. Mas o Raoni diz que não. Ele quer que passe na segunda cachoeira, pegando inclusive o rio Liberdade. Ele disse mesmo: "Liberdade vai ficar comigo aqui"...

R. Eu não conheço bem, mas deve ser. Eu nasci por aqui (indica no mapa), nas cabeceiras do rio Liberdade. Eu sei que é terra nossa, mas isso aqui (indica o traçado reivindicado por Raoni) nós nunca vamos conseguir, porque a FUNAI não vai deixar. Agora, o presidente da FUNAI disse que a estrada vai passar aqui, antes da primeira cachoeira, mas nós queremos um pouco depois da primeira cachoeira. Porque se a estrada passar no Kapoto, vai continuar a ter confusão. Pelo menos isso nós vamos conseguir, porque já tomamos a fazenda que invadiu esta parte.
P. Por que você acha impossivel obter

tudo o que o Raoni quer?

R. Eu não sei. É dificil a FUNAI ceder tudo, já tem muita fazenda lá dentro. É direito nosso, mas eles não vão concordar em ceder tudo.

P. Se o pessoal não aceitar o que a FUNAI está prometendo, o que se vai fazer? Como os índios vão reagir?

R. Eu não sei. O pessoal vai reunir, vai ter de decidir. Nós tamos prontos prá enfrentar os fazendeiros. Vamos esperar só até julho de 1981. Meu tio disse que vai lutar até morrer, se for preciso, mesmo que a FUNAI não resolva, mas ele vai lutar. Aí, se ele morrer, se a gente morrer, os fazendeiros podem tomar conta da terra. Enquanto a gente tiver vivo, a gente vai

P. Lutar contra os peões? por que mataram os peões?

R. Não era prá matar. Se fosse fazendeiro, eu também deixava o pessoal matar. Mas peao tá numa situação pior do que nós, sofre mais que nós.

P. Você acha que a UNIND pode fazer alguma coisa prá ajudar vocês?

R. Eu sei da reunião que vão fazer em setembro, mas não tenho contato ainda. Eu sempre penso ir nestas reuniões, mas eu nunca consigo, falta contato, não pude participar. Eu acho bom, muito bom a idéia da UNIND, todo mundo briga junto. Do jeito que nós tamos... a gente precisa unir nosso pensamento. Muitas vezes a gentenão participa dessas reuniões por falla de condução, de transporte. E tudo muito longe.

P. Por que você não usa o Akokakô? R. Oh, rapaz, nós não usa não. Nós novos já não usa mais.

P. Por que? O Raoni disse que era prá ficar mais valente...

R. Pois é. Os antigos usavam. Mas nós nào.

(R.B e P.S)

Voz do índio

om o seu batoque encravado no lábio inferior e carregando uma borduna, Raoni, o cacique Txukarramae, passeou nesse mês de agosto passado suu imponente figura de guerreiro pelos corredores dos Ministérios, pela Estação Rodoviária e pelas quadras e super-quadras de Brasília, impressionando os pacatos funcionários públicos e arrastando atrás de si legiões de fotógrafos. Nem o ditador da Argentina, gal Videla, em visita ao Brasil recebeu tanta atenção da imprensa, que apesar dos equívocos, tratou Raoni com honras de

chefe de nação. Raoni, o chefe do povo Txukarramae, estava na Capital Federal para negociar com o Estado brasileiro encarnado na pessoa do cel. Nobre da Veiga, a paz da última guerra onde 11 peões morreram a golpes de borduna no dia 8 de agosto.

Como um refinado diplomata, ele negociou a garantia do território invadido por dezenas de fazendas. Leal ao seu povo, Raoni deu uns gritos no cel. Da Veiga, quando achou necessário. Inteligente, ele percebeu toda a jogada de falsas promessas da FUNAI, cujo presidente "fala uma coisa bom e depois ele fala outra coisa ruim". Dialético, Raoni não assinou nenhum tratado de paz, porque nas promessas da FUNAI "eu acredito um pouco e não acredito muito não". Estrategista, ele lamentou a morte dos peões: "se fosse fazendeiro, não tinha problema", e demonstrou ter uma visão global da luta de todos os povos indígenas no Brasil. Na entrevista exclusiva ao PO/RANTIM, concedida em um quartinho na Casa do Ceará (Brasilia), Raoni, com voz doce e suave, explicou que quer a Br-080 desviada, abarcando o rio Liberdade, onde nasceu.

Raonii Liberdade vai ficar comigo aqui

P. Como é que onze peões foram mortos de repente? Quando começou esse conflito?

R. Quando o fazendelro começou a derrubar o mato, faz tempo. Fazendeiro derrubou dois km de mato aqui (Indica com o dedo no mapa perto do posto Jarine). Então , o meu povo foi caçar. Al, o Bedjai, meu sobrinho, foi lá e escutou barulho da moto-serra. Al, ele perguntou pro Anibal (o balseiro da Br-080): Oh, Anibal disse: tem sim, eu escutei barulho de moto-serra. Então, o Bedjal contou prá mim, né: olha, tem gente derrubando mato lá no Pirarajú. Então eu fui com o branco, com o Anibal, mais o meu companheiro. Nós descemos aqui (indica no mapa). Ai, encontramos o pessoal derrubando mato. Chegamos lá, os caras com medo de mim, tudo com medo de mim. Eu falei prá eles: não, não tem medo não. Pode com medo de mim. Eu talel pra eles. hao, hao tell hiero hao. rocovoltar aqui que eu quero falar com você. Então, ele voltou. O Anibal conversou com ele, depois eu conversei com ele assim: "você pode procurar outro lugar, você pode encontrar mato, terra, você pode fazer roça, fazer casa, plantar capim, criar boi. Mas fora daqui. Aqui não. Aqui você não pode voltar mais, você não pode fazer isso na beira do Xingu. Então o cara falou prá mim: Você é o dono das terras, né, mas patrão nosso que mandou a gente trabalhar aqui. Então , eu disse: essa terra é nossa mesmo. Al eles sairam, ar-rumaram as coisas e foram embora. Nós voltamos prá aldeia e falamos pra Funal, pro diretor do Parque, o Cico (Chico, Francisco de Assis da Silva, administrador do Parque Nacional do Xingu).

P. Então quer dizer que a FUNAI já sabla da tudo há multo tempo? Porque se a FUNAI já sebla, não fez nada para Impedir a guerra? R. É. Um dia, o diretor do Parque, ele foi lá, o Cico. Nós descemos

junto com ele. Procuramos, procuramos e não encontramos ninguém no acampamento que estava desmatando. Então, o diretor do parque falou pra mim: não, eu já vou embora. Eu vou embora, mas

aqui è terra de vocès. Ele falou assim. E foi embora.
P. Ele não resolveu nada? E o que você fez?

R. Não. Aí, dez dias depois subi prá outro lugar, pro Dlauarum. Eu fiquel esperando avião prá mim visitar o presidente da FUNAI e contar tudo prá ele. Então, eu mandel rádio duas vezes pro presidente da FUNAI mandar avião prá mim ir falar com ele. Esperel três semanas e avião não foi lá. Então, tava aqui no Diauarum um primo meu, o Molkora. Aí, ele disse que os caras tinham voltado prá derrubar o mato. Al, ele fol e contou pro pessoal lá. Então, o Bedjai — ele fala rádio, né? — ele contou prá mim: "Meu tio, os caras já voltou de novo, não foi embora não. Então, ele perguntou prá mím: meu tio, o que a gente pode fazer? Al eu falei: você que pra mim: meu tio, o que a gente pour lazerr a tel tale ricce que sabe. Ai ele falou: não, você que toma conta de nós, você que sabe. Ai eu pensel, né: bom, prá mim, eu vou falar uma colsa prá você. Você val junto com outras pessoas também, Kalabi, Sulá, Trumae, Juruna, prá ajudar vocês a botar prá fora os fazendeiros. Eu pensel que eles não lam matar. Eu gostaria de ter ido junto com o meu pessoal, mas eu estava no Diaurum esperando avião. Então o pessoal meu foi embora. O Cico então disse: você não val. Você pega avião e vai prá Brasífia. Al eu fiquel com o Cico e fui lá prá cima minha aldeia esperar o avião. Cheguel lá às 8 horas da noite. Lá, minha mulher falou prá mim: "Nosso fliho foi junto com o pes-soal". Então, 9 horas da nolte eu fui descer ainda atrás do meu criança. E desci e encontrei e pessoal que estava voltando. Já tinham brigado. Foi isso. Foi assim".

P. Depois, o pessoal afundou a balsa..

R. É. Afundoue Afundamos a balsa prá delxar mais gente passar

P. Então, vocês vieram prá Brasilla, reuniram com o presidente da

FUNAI e ele prometeu desviar o traçado da Br-080? R. Olha, a FUNAI falou prá mim que vai chegar. Al é que ele vai mudar a Br-080. Ai, ninguém passa mais la. Antes, o mato não foi demarcado muito bem. Tá errado. Queremos que demarque direito, direitinho. Ai serie bom prà nós, indios do Xingu, como antigamente nosso avô que morava no mato.

P. Você acrèdita nessa promessa da FUNAI?

R. Olha, eu acredito um pouco e eu não acredito muito não. Eu acredito só um pouquinho. Eu vou ver se ele val fazer bem prá nós. Só acredito mesmo quando fizer.

P. E por onde val passar a estrada, segundo a promessa da FUNAI? R. (Indicando no mapa) Está aqui a Br-080. A cachoeira primeira é aqui (aponta a Von Martius). Nós tamos pedindo que demarque depois da segunda cachoeira, aqui (ponta com o dedo) senão val dar problema.

P. Mas os fazendeiros dizem que a terra é deles?

R. (Irônico). Olha, eu aprendi o portugês, a lingua de vocês e sel nossa lingua, eu sel o que é bom e o que é triste, o que é verdade e o que è mentira. Meu pessoal sabe que os brancos tão acabando nós. nosso mato, nossa terra, triste mesmo. Fazendeiro quer briga, nós não quer briga. O presidente da FUNAI disse: olha, você tà acostumado com o branco, você já mudou. Agora não. Temos de acabar com essa briga. Então, eu falel pro presidente da Funal: Você acredita em nós agora. Multo tempo que você não acredita. Eu sel a vida de vocês é diferente, a nossa vida é diferente dos brancos. Eu sel isso. Você pensa que indio não pensa nenhuma coisa? Indio pensa coisa boa, coisa ruim, coisa triste. Então eu falei com o presidente da FUNAL: então, o branco muito tempo tava matando indio, matando multo indio mesmo, como minha avó, avó de indio. Mataram o avó de meu pai. Se a FUNAI toma conta do nosso indio, precisa entender bem nossa tribo, onde ela mora, o que ele quer. Quando o fazendeiro entrar em nossa terra, FUNAI deve dizer: por favor, procura outro lugar, volta prá lá, isto aqui é terra dos indios. Você procura outro lugar. Eu gostaria que a FUNAl vai falar assim com os fazendeiros.



P. E você acha que o presidente da FUNAl entende vocês?

R. Capaz que sim. Eu não sel. Eu entendo bem ele. Não sel ele entende bem de mim. Eu não sel. Eu vou ver. Ele fala bom, depois eja fala coisa ruim.

P. O que ele falou de rulm nessa última reunião?

R. Ele falou que o meu primo, o Arulavi , Trumas, que ele não devia ter ido contra os peões prá defender nossa terra. Ele disse: A Policia Federal tá procurando quem levou pessoas lá prá matar os peões. Al eu não gostel do que ele falou. Al eu falel prá ele: "Bom, presidente da FUNAI, você quer que a gente seja preso aqui, você chama a policia e prende todos nos aqui. Eu tou aqui. Eu sou homem. Você também é homem. Falei assim, né? Ai ele disse: voce não pode gritar assim. Eu disse: "Voce que falou lasc. Você pensa que eu é menino. Eu sou homem e vim conversar com você, sério sobre nosso probelma.

P. Você disse que os brancos mataram seus avós. Mas que branco? R. Fol os portugueses, né. Portugês matou multo indio.

R. Agora é fazendeiro, seringueiro, castanheiro, garimpeiro que matam os indios. Indio Kaingang morreu. Terena morreu. Guajajara morreu agora na mão dos fazendeiros. Os fazendeiros estão acabando com todo índio. Agora, estou muito preocupado com o meu povo, todo mundo, não é só o meu pessoal, Txukarramae, tou preocupado com todo mundo, todo índio.

P. Você nasceu onde?

R. Eu nasceu em Kapotop. Por al tem Kapoto? (procura no mapa).

Kapoto é aqui (indica perto do Posto Jarina). P. Mas esta terra está fora da área do Parque?

R. Pois é, ficou fora. Foi ai que eu nasceu. Meu pal e minha mãe moravam aqui, no rio Liberdade. Sempre meu pal morou aqui, no rio Liberdade. Depois , meu pai morreu no rio Liberdade. Minha mãe morreu no rio Liberdade. Minha filha nasceu no rio Liber-

P. E por que vocês sairam do rio Liberdade?

R. Ah, porque chegou uma fazenda aqui; ai eu sai prá morar aqui (mostra no mapa); depois FUNAI pediu que a gente saisse de la e fosse prà onde a gente està.

P. Mas os jornals disseram que você quer que a estrada seja des-viada pra passar em cima da primeira cachosira. Você diz agora que quer que seja em cima da segunda cachoeira, pegando o Liberdade. Como è isso?

R. É. Eu quero. Aqui é o rio Liberdade, onde eu nasci. Então, a estrada deve mudar para cá (Indica no mapa) por cima do rio Liberdade. Ai é muito bom prá nos. LIBERDADE VAI FICAR COMIGO AQUI. Quando passar aqui (Indica o rio Liberdade) al não tem mais problema, não tem confusão. Se não, um fica triste, outro triste, outro triste, confusão demais.

P. E essa festa depois da morte dos peões? Como é a festa? R. Ah, sim. Sei. Nós quando a gente pinta de preto, é que val fazer guerra com outro gente; depois chega na aldela, cantando, cantando, até chegar na aldeia. Então cada parente...depois fica só homem. Ai fica todo mundo junto prá fazer festa.

(durante cinco minutos, Raoni canta em Txukarramae o primeiro Akarokri da nolte).

P. Buma festa alegre ou triste?

R. É uma festa de luta, quando a gente val fazer mais força.

P. Você ficou alegre com a morte dos peñes?
R: Quem mandou os peñes foram os fazendeiros. Coltados né?
Mas como eu falei prá vocês, se eu val junto, eu não deixava peñes
morrer. Coltadinho, né? Então eu falei pro meu pessoal: vocês não podem matar peão de fazenda, coltado né? Eles tem de trabalhar com patrão deles pra ganhar dinherinha prá comprar coisa prá vida deles. Eu falei isso né. Mas quando o pessoal chegou lá, teve dois caras, né, que falou que índio é bobagem, vagabundo, galinha, cachorro. Então o pessoal ficou brabo e matou logo. Mas eu não gostel. Se fosse um fazendeiro, não tinha probeima. Eu pode brigar com fazendeiro sem problema

P. Raoni, pra terminar, gostaria que falasse de você. Quantos anos

R. Eu não sel não. Quando eu era rapaz novo já conhecia o Orlando e o Claudio (Vilas Boas).

P. E filhos? quantos você tem?

R. (conta nos dedos) Nove filhos. (volta a contar): 3 homens, 3 mulheres, e morreu dols homens e uma mulher. Um homem e uma mulher morreram de doença, de malária. O outro homem morreu de trovão, pegou um choque, um raio e morreu.

P. Como é que vocês chamam isso (aponta prá batoque)?

R. Ah, em nossa lingua, chama Akokakô.

P. E por que você usa o akokakô? R. A gente usa prá ficar mais valente, ter mais força e coragem.

Mas o Mekarony, seu sobrinho, é Txukarramae e não usa o akokako?

R. Ab. o Mekarony não tem, porque agora ninguém mais que é jovem usa. Depois que apareceu o branco, ninguém mais usa o akokakô.

P. Quer dizer então que com a chegada do branco, a perda do akokakô, os jovens ja não têm a mesma coragem que você tem? R (uma longa e prolongada risada)

P. Você deu uma borduna de presente ao Nobre de Velga?

R. (outra longa risada) Capaz que sim. Capaz que aim.

R. É. Eu del. Ele pediu, eu del.

P. Você não tem medo que ele use contra você?

(R.B. e P.S.)

OS DECRETOS, A DEMARCAÇÃO E A ESCALADA CONTRA O PNX

De 1950 a 1954, quando já existia um projeto encaminhado ao Governo Federal para a criação do Parque Nacional do Xingu, (PNX) o Governo do Estado do Mato Grosso loteou a área em questão. Devido a pressão de antropólogos, missionários, indigenistas e estudantes, o então presidente Jânio Quadros assinou, no dia 14 de abril de 1961 o Decreto nº, 50.445, que cria o Parque Nacional do Xingu.

O decreto de Jânio ficou muito aquém dos reais direitos dos povos indígenas, deixando de fora território que lhes pertencia. Apesar disto, a criação do PNX foi considerada uma vitória parcial.

Consistindo de um Poligono irregular com área aproximada de 22.000 km2, o PNX englobava a Leste e a Oeste — de acordo com o artigo 2°. — 40 km das margens direita e esquerda do rio Kuluene, prolongando-se pelo rio Xingu em toda a sua extensão sul-norte.

O art. 3°. deste decreto prevê a demarcação da área pelos Ministérios da Agricultura, da Guerra e da Aeronáutica com a cooperação da Fundação Brasil Central. Pelo artigo 6°., estas entidades deveriam "promover a evacuação das áreas ocupadas indevidamente".

ESCALADA

Nem a demarcação foi feita, nem as evacuações foram realizadas. Ao contrário, durante todos esses anos, novas fazendas se instalaram na área, inclusive com apoio oficial do governo através dos incentivos fiscais, que haviam sido criados. A fazenda Agropexim, que tanto conflito deu, foi instalada com o apoio da própria administração do PNX, na época dirigido pelos Villas Boas, que deu apoio logístico para a abertura e instalação da fazenda, cujos técnicos desceram de avião bem no meio do Parque.

Os fazendeiros pressionaram através dos políticos e no dia 6 de agosto de 1968, o presidente Costa e Silva assinou o Decreto nº. 63.082 que "altera os limites da área em que se situa o Parque Nacional do Xingu e dá outras providências".

Este decreto reduz a área do PNX, mas no seu art. 1°. reconhece "os 40 kms. de cada lado do eixo dos rios Kuluene e Xingu" que agora estão sendo contestados pelos fazendeiros. O art. 3°. estabelece que a FUNAI, os Ministérios do Exército e da Justiça e a Polícia Federal deverão "promover a evacuação das áreas ocupadas indevidamente". O art. 4°. estabelece que "O Serviço Geográfico do Exército, com a colaboração da IBGE, procederá a demarcação da área estabelecida".

Nada disto foi cumprido. Nem as evacuações foram realizadas, nem a demarcação foi feita. Ao contrário, aumentou a escalada contra o território indígena. Multiplicaram-se o número das fazendas que cercam o PNX. O próprio Governo Federal participa desta escalada com sua política de incentivo fiscais e com sua política rodo-

A estrada BR-080, cujo traçado na época de Costa e Silva estava planejado bem para o Norte, no momento de ser construida, por decisão do ministro

and the assessment of the second

Mário Andreazza, cortou o PNX, deixando o território ocupado pelos Txukarramae do outro lado da estrada.

Então, no dia 13 de julho de 1971, o gal Garrastazu Médici assina o Decreto n°. 68.909, que novamente altera os limites do PNX, excluindo do Parque a área ocupada pelos Txukarramae ao norte da Br-080. É na primeira parte do art. 2°. deste decreto que os fazendeiros querem se basear para negar aos indios os seus direitos.

A BRECHA

No entanto, se Garrastazu Médici ousadia de legalizar roubo, não o fez de acabada, forma deixando uma brecha legal na qual os indios se apoiam. É que o mesmo artigo 2°, que exclue esta área do PNX, reconhece no entanto que ela "permanecera sob o regime do art. 193 da Constituição enquanto habitada com caráter de permanência pelas tribos indígenas que atualmente nela se encontram". Excluída do Parque, a área, no entanto, continuava sendo área indígena enquanto os indios ali permanecessem. No entanto, se os fazendeiros conseguissem expulsar os indios ou matá-los, ela deixa de ser área indigena. Acontece que os indios continuam lá, lutando pelo seu direito à terra que, portanto, legalmente continua a lhes pertencer.

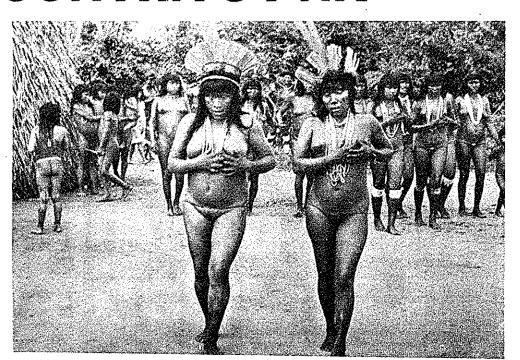
Em 1976, no aniversário de 15 anos do PNX, Olympio Serra, então seu diretor, constatou que nenhuma medida oficial havia sido tomada para demarcar o Parque. "Passamos então a concentrar todo nosso esforço e nossa reivindicação para exigir a demarcação" diz O. Serra.

Mexendo com a demarcação, Olympio Serra foi surpreendido com uma "crua realidade": entre 1973/74 havia sido efetuada uma demarcação semisigilosa de grande parte da Reserva. Esta demarcação foi feita através de acordo com agropecuárias confinantes, como as FAZENDAS REUNIDAS S/A. que invadiram mais de 20 km da área indígena.

Quando Olympio estava deixando o PNX ele estava sendo já demarcado dentro do estipulado pelo decreto de Garrastazu Médici.

O ESBULHO

A tentativa de enganar os Txukarramae é descrita por O. Serra: "Em 1975, ainda, quando cheguei no Parque, fiz uma viagem até abaixo da cachoeira São Marcos, junto com os Villas Boas. Quando passou a BR-080 esse grande esbulho — os Txukerramae que estavam morando numa aldeia ao norte da estrada, foram convidados para se transferirem para o interior dos limites do Parque. Alguns aceitaram e outros não. A facção mais patriótica que se recusou a ser esbulhada de seu território ficou sem a menor assistência da Administração do Parque como uma forma de coagi-los a se transferirem para o interior dos novos limites. Então, o resultado desta minha viagem foi chamar atenção para isso. Então propus a criação de um Posto, ou uma Reserva que seria a Reserva dos Txukarramae que se recusaram a sair, porque legalmente isto eta possisel. "Mas a proposta não "Maceira".



No Pará e no Paraná

Kaingang retomam MangueirinhaeXikrin patrulham sua área

Os Kaingang e Guarani não desistiram de ocupar as terras que foram apropriadas pela firma Slaviero. Em Manguerinha, no sudoeste do Paraná os indios reunidos decidiram que 60 deles entrariam na área e que gradativamente ocupariam toda as áreas que pudessem ser usadas para a lavoura.

Os Xikrin, que ocupam 439 mil hectares ao sul da Serra dos Carajás e ao norte da rodovia Xinguara tiveram suas terras invadidas por três fazendas, várias serrarias e numerosos "peões" que, a mando de fazendeiros, penetraram na parte sul da reserva para extrair mogno e formar pastagens, abrindo muitas clareiras na mata.

OCUPAÇÃO INDÍGENA

Numa decisão que fere a Constituição brasileira o juiz Lício Bley Vieira tinha dado o aval da Justiça para a invasão que a firma Slavieiro fez do território indígena. Angelo Cretã colocou em evidência que os Kaingang e Guarani não eram invasores, como a imprensa e mesmo a FUNAI afirmavam. Disse o líder que "Não tem sentido falar de "invasão" de uma área que sempre pertenceu aos índios e da qual lhes foram expulsos. Vamos simplesmente ocupá-la novamente".

O frio assassinato do líder Angelo Cretã consolidou firmemente a disposição dos Kaingang e Guarani de fazer valer os seus direitos sobre a terra invadida e ocupada pela firma Slaviero.. "Os índios — disse o delegado da FUNAI José Carlos Alves, antes de seguir para Manguerinha no dia 18 de agosto — estão decididos a entrar em massa na área dos Slaviero, porque, além de alegarom cansaço pela espera

judicial, necessitam de novas áreas de cultivo". Disse que agora os índios estão "Unidos ao movimento para a invasão em massa". Um índio Kaingang entrevistado pela TV já na área retomada quando fazia sua roça, declarou: "Não tão dizendo por aí "plante que o João garante? Pois é, nós tamos plantando".

A luta dos Kaingang e Guarani pode se tornar mais explosiva se não forem tomadas logo as providências necessárias. A firma Slaviero não tem a menor pretensão de deixar as ricas araucárias da área para os povos indígenas. Estes, não aceitam mais a protelação de uma medida mais enérgica que garanta a posse das suas terras.

INVASÃO PROGRAMADA

Os fazendeiros, as empresas madeireiras não deram a mínima importância para a demarcação das terras dos Xikrin, a reserva do Catete. E continuaram invadindo a reserva, levando toros de mogno e agora, até garimpeiros estão penetrando na área em busca de ouro.

Duas vezes este ano os Xikrin aprisionaram invasores. Já amarraram fazendeiros durante vários dias, ato que está na vontade de muitos posseiros e povos indígenas do Brasil.

A FUNAI falou que vai iniciar em fins de agosto a retirada de todos os invasores da reserva indigena. E há muitos. Como uma fazenda com mais de 30 mil hectares dentro da reserva.

Os Xikrin estão dispostos a usarem e força para expulsar os invasores e organizando patrulhas para por um basta a essa situação.

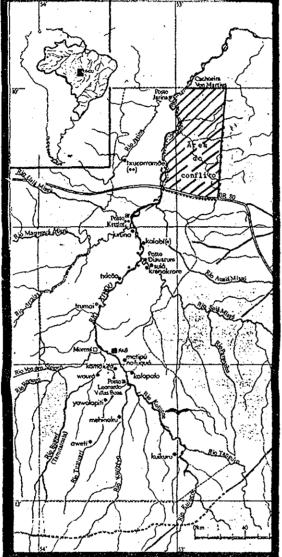
PORANTIM

PARASAR - PARA O AZAR DOS INDIOS

O campo de pouso da FAB no Parque do Xingu, chamado de Jacaré, entreposto entre CACHIMBO e XAVANTINA, hoje, tecnologicamente é desnecessário. Os aviões, que a FAB atualmente utiliza, não precisam mais de um posto de abastecimento nos seus võos CACHIMBO — Xavantina ou Brasília — Manaus.

Para que serve então a base aérea do Jacaré? O que justifica a presença permanente de 20 brancos e sua infraestrutura, que o sub-oficial Mendonça dirige: uma fazenda crescente já com 160 cabeças de gado que custaria à FAB a bagatela de Cr\$ 76.800,00 por mês, se a FUNAI cobrasse da FAB o que cobra de pequenos posseiros e fazendeiros que criam gado dentro da reserva indígena da Ilha do Bananal: Cr\$ 480,00 por cabeça de gado. O que justifica uma serraria que explora a madeira dos índios para a FAB? As casas de alvenaria e a luz elétrica? Por que estabelecer um campo de gado tão perto da roça que sustenta os 165 Kalapalo, a apenas dois minutos de vôo?

Desde que o gal. Frederico Rondon declarou o Parque do Xingu como um "problema de segurança nacional", tudo está justificado. Hoje, a base aérea da FAB no Parque do Xingu serve às finalidades mais diversas, desde o turismo dominical até operações militares de anti-guerrilha. No verão, até o fim de agosto, o campo da FAB é utilizado como base para operações militares simuladas do PARASAR, treinamento de sobrevivência e antiguerrilha na selva. Nos seus treinamentos, o grupo Parasar, que varia entre 10 a 20 pessoas, fica cinco dias na selva do Parque, munido com armas para a caça e a defesa contra os imprevistos do mato. Sempre no último dia do seu



"treinamento" fazem visita — já quese ritualizada — às aldeias dos Txicão e Trumái. Estes, com antecedência avisados, já esperam o pessoal do Parasar por causa dos seus costumeiros presentes: ninharias que sobram do treinamento anti-guerrilha, chapéus, giletes, até fardas usadas, que os índios vestem para o divertimento geral. Terminada a temporada do acampamento Parasar, a FAB distribui alguns alimentos: açúcar, chá, café, macarrão, goiabada, ração militar, fubá: todos alimentos alheios à cultura dos índios Xinguanos.

Nestas ocasiões eufóricas da despedida, os indios trocam seu pior artesanato pelo pior serviço, que lhes presta a FAB: a distribuição dos presentes. Não somente a exploração do comerciante, também os presentes paternalistas desarticulam a cultura indígena, onde se faz cada troca num espírito de reciprocidade. A distribuição dos presentes criou uma mendicância generalizada em torno das instalações da FAB. Permanentemente se encontram nos seus arredores 25 a 40 índios,

pedindo alimentos, comida e encomendando negócios e compras através dos Oficiais Paulistas da FAB. Além do artesanato, o pessoal que chega nos aviões da FAB leva peixes do Xingu e caça para São Paulo em troca de alimentos ou dinheiro. Se trocou também já "outras coisas". Na CPI do Indio no dia 13 de setembro 1977, o então secretário

do CIMI, o Padre Antônio Iasi, depondo sobre a presença militar no Parque do Xingu, declarou: "As caçadas e pescarias são coisas comuns. Um índio foi baleado, numa dessas caçadas. Operações militares simuladas levam para a área indigena algumas centenas de soldados e, por onde passa o soldado, passa a fertilidade. Neste mesmo ano foi descoberto o "caso" de um cabo da FAB com uma india Kamaiurá".

Os oficiais da FAB, que chegam a Jacaré, se queixam da FUNAI, que não faria nada pelo indio, comparando sua atuação com aquela das Missões de Tyrió, do Cururu ou do rio Negro. Reclamam escolarização, civilização e integração mais acelerada. Não entendem, por exemplo, o caso da mulher do administrador do Parque do Xingu, do Sr. Francisco de Assis Lima, que consta já há mais de um ano na folha de pagamento da FUNAI como professora sem dar realmente aulas, conforme os próprios indios denunciaram. O pessoal da FAB, em conversas informais, acha que a única saída contra a incompetência e a corrupção da FUNAI seria a FAB assumir o Parque do Xingu e, quem sabe, a própria presidência da FUNAI. Ha tempos, um coronel da FAB, o Sr. Ivan Zanoni Hausen, autor do livro "Porque os militares" e diretor do Departamento Geral de Projetos Comunitários, vem se projetando para a presidência da FUNAI. Quem conhece sua "ficha", fica no minimo assustado com um "Zanoni ante-portas".

P.S.: Como o acampamento da FAB no Parque do Xingu tecnicamente é desnecessário e culturalmente prejudicial para os índios, o PORANTIM exige o seu imediato fechamento e a transferência provisória de alguns recursos humanos e técnicos para resolver o problema da reserva GOROTIRE/PA dos índios Kayapó, que foi invadida por 800 garimpeiros numa área, que parece ser a mais rica de ouro no Brasil. (P. Suess)

A PRODUÇÃO NO PARQUE DO XINGU E A TROCA DE ANZÓIS POR PODER

Reivindicando o fato de que "os intelectuais indígenas devem ter plenas condições e tempo para refletir sobre seus problemas", Olympio Serra, ex-diretor do PNX declarou que "uma das sacanagens que o sistema usa com seus subalternos é impedir que ascendam as posições".

"Eu gostaria de ter deixado um indio como diretor do Parque para se defender melhor" explicou Olympio, para quem, o PNX "ao lado dos serviços médicos atendia necessidades fundamentais: ferramentas, anzóis, etc. E quando a gente diz que isso é paternalismo esquece que envolve trocas altamente perigosas: de anzóis por poder".

Em entrevista ao PORANTIM Olympio falou sobre como está organizada a economia do Parque, estabelecendo uma relação entre o fator econômico e a estrutura de poder.

EVITANDO ACUMULAÇÃO

"A produção, de um modo geral, é organizada por grupos, por uma força de trabalho de grupos domésticos. São famílias extensas que se mobilizam em torno de uma roça, por exemplo. E esses grupos domésticos tem obrigações econômicas, políticas, religiosas com os demais", explica Olympio Serra.

Ele prossegue: "A regra básica nesses modelos alternativos para evitar o acúmulo de bens é a intensa circulação, na qual é admitido inclusive a reciprocidade negativa. A circulação intensa de bens é a regra fundamental. Tudo que é meu é passível de ser do outro, por várias regras, desde as de cortesia até esses compromissos efetivos. Na medida em que essa circulação de bens é negada, se alguém aparece por lá e quiser atentar contra a ordem pública, é passível de ser roubado. Aquilo que devia ser dado a um outro, que lhe é negado, tem direito de ser sequestrado, expropriado. Se a reciprocidade for negada, ele só terá força de trabalho, não recebe nada de volta, é algo pouco compensador; então, ele tem o efetivo direito de compensar essa falha".

O EXCEDENTE

Os índios assalariados do PNX passam a ter uma situação assimétrica, como uma espécie de fornecedor de bens para aqueles que não produzem bens.

Indagado sobre se o excedente produzido no Parque entra na economia de mercado, O. Serra aclarou que "o excedente é consumido internamente e aí funcionam as regras dos rituais. No momento em que há um excedente interno de produção, isso possibilita celebrar uma festa, para o qual todos são convidados".

"Quando determinado grupo celebra um ritual, ele esta exigindo a reciprocidade junto daquele que, num determinado momento, foi convidado e deve receber a retribuição".

ARTINDIA: O LUCRO

Chegando a atenção para o perigo de qualquer generalização e para a necessidade de se fazer pesquisas para refletir sobre tudo isto — "A FUNAI peca justamente por impedir a pesquisa" - Olympio Serra diz que "uma reflexão sobre o Xingu é uma reflexão sobre nós mesmos".

Para ele, "é necessário saber até que ponto está surgindo uma sociedade xinguana, um sistema xinguano, envolvendo tanto os índios do Alto Xingu como os do Norte, que são categorias bastantes diversas e separadas".

"Está havendo uma quebra ultimamente, sabe, e eu olho isso meio apavorado. A quebra deste sistema xinguano em formação é motivado pela ARTINDIA, que criou uma participação no mercado de artesanato, e está introduzindo a idéia do lucro. Isto, além de ser uma agressão contra os povos do Xingu, é altamente perigoso e pode levá-los a desagregação", concluiu.

AIDENTIDADE XINGUANAEO MITODOS VILLAS-BOAS

Sempre houve, por parte dos antropólogos que trabalharam no Parque Indígena do Xingu, um certo pudor quanto a analisar as implicações da orientação indigenista imprimida ao PIX desde sua criação. Esse pudor se explicava: tudo aquilo que era vagamente sentido como "negativo" na experiência do PIX, era mais que compensado pelos aspectos positivos, sobretudo quando comparávamos o qi e viamos com o restante da cena indígena brasileira. Nisso, esquecíamos que o PIX, mesmo por sua singularidade modelar, ocupa um lugar estrutural nesta cena. Ademais, o referido pudor tinha atrás de si uma aura de temor. Pois avaliar criticamente os efeitos da politica do Parque do Xingu, e seu papel ideológico dentró da política indigenista oficial, significava "criticar" a atuação dos irmãos Villas Boas __ já que a simbiose, na consciência nacional, entre o PIX e os Villas Boas é outro aspecto peculiar da experiência xinguana. Ora, tal empresa era arriscada, quando não insensata: o lugar dos Villas Boas na mitologia brasileira é o lugar dos heróis, e pobre dos que criticam os heróis deste país, que deles tanto carece. Some-se ainda o franco e proclamado desprezo destes indigenistas pela profissão de antropólogo, e ai se entende o emudecer de qualquer critica.

No entanto, o afastamento de Olympio Sería da direção do Parque, por ter protestado contra a filmagem de uma telenovela na região, que usou índios como figurantes; a veemente reação indígena contra a autoridade da FUNAI, incontida mesmo com a intervenção dos Villas Boas; os ataques desferidos pelos Villas Boas e jornalistas a eles ligados contra a administração de Olympio Serra e o "estado atual" do Parque (ISTO É nº, 108) e finalmente a demissão do ex-diretor por ter respondido às acusações — tudo isso sugere a necessidade de um resgate crítico da experiência do Parque do Xingu, para melhor situá-la na história do indigenismo oficial.

Vale lembrar que, por delicada, semelhante tarefa não pode deixar de ser empreendida, sob pena de vermos persistirem representações ideológicas superadas historicamente pela própriá luta indigena.

PARQUE DOS SÍMBOLOS

Quero examinar aqui uma feição particular da experiência xinguâna: o processo de transformação dos índios do Alto Xingu em símbolo. Neste exame, é inevitável a menção aos Villas Boas e ao estilo de indigenismo que encarnam; pois me parece que uma mesma lógica, uma mesma simbólica e uma mesma política subjazem à ereção dos Villas Boas e dos indios do Xingu em símbolos nacionais complementares. Minha preocupação porém, é com os índios: não se é símbolo impunemente. Quanto custa ser a matéria de si mesmo? Este é o dilema dos xinguanos, hoie.

A telenovela que deu pretexto a toda esta discussão não é fenômeno inesperado; ela é, na verdade, apenas o último capítulo de uma mais longa novela: o cerimonial inter-étnico em que os xinguanos se viram obrigados a desempenhar funções rituais importantes, e isso já se desenrola há quase vinte anos.

Assim, é preciso considerar a especificidade do contato entre a sociedade nacional e os grupos que habitam as terras do Parque do Xingu.

O contato entre a sociedade nacional e os grupos do Parque tem, como dimensão dominante, a dimensão simbólica. O PIX, sobre ser um lugar de confrontação real, entre várias agências e agentes da sociedade na-

cional e um sistema social indígena, é também um "Parque de símbolos ", um espaço ritual, um teatro ideológico.

Ali se produzem símbolos. Vejamos quais,

A criação e preservação do PIX deveu-se __ além do fato de que a região, até recentemenle, estava protegida das frentes de expansão a um esforço de propagação ideológica de uma certa visão indigenista, fundada no humanismo, na valorização dos modos de vida indigenas, na não-interferência direta: nos sentidos sociais indígenas. Esta propagação foi bem sucedida: desde as famosas reportagens d'O Cruzeiro na década de 50, passando pelo Quarup de Antônio Callado, por incontáveis reportagens coloridas em magazines estrangeiros, fotos em livros de luxo sobre o Brasil exótico, cartões postais, filmes para a televisão, etc., pode-se dizer, hoje, que pelo menos 80% do material sobre indios brasileiros que atinge os meios de divulgação urbanos refere-se aos indios xinguanos, normalmente como metonímia do "íudio brasileiro" em geral. Com is-to, o indio xinguano veio a substituir, na consciência urbana média, o velho Tupinambá dos n anuais escolares na função de transformar o signo em símbolo, o particular em geral. Ele se tomou "o índio"; tornou-se o apoio visual das fantasias dos urbanitas sobre as fronteiras entre la Natureza e a Cultura.



Parque Nacional do Xingu Mato Grosso — Brasil

Área aproximada: 22.000 Km2

População: 2.000 (aproximadamente)

ALTO XINGU

Nação	Grupo Linguístico	População
Aweti	Tupi	50
Kamaiurá	"	170
Kalapalo	Karib	165
Kuikúru	>>	170
Matipú	>>	20
Nafukwá	>>	20
Mehinaku	Aruak	80
Waurá	Aruak	110
Yawalapiti	**	100

NORTE XINGU

Jê	284
***	138
**	75
Tupi	337
Isolada	77
Karib	100
Isolada	60
	", Tupi Isolada Karib

Ao contrário de todos os demais grupos tribais brasileiros, cuja presença e miséria se fazem sentir sobretudo frente à população do interior, aos camponeses, posseiros, peões, patrões de seringal, gerentes de empresas agropecuárias, os índios xinguanos (e especialmente os grupos do sul do Parque) existem sobretudo para setores da sociedade brasileira distantes geográfica e sociedade brasileira distantes geográfica e sociedade

brasileira distantes geográfica e socialmente os setores médios das grandes cidades. Esta existência "à distância", simbólica e paradoxal por excedência, teve também seus aspectos concretos. Assim, grande parte da in-teração efetiva dos índios do Xingu com a sociedade envolvente se deu com representantes dos segmentos privilegiados desta: pesquisadores, turistas, repórteres, dignitários de Estado, etc. O Xingu foi roteiro obrigatório de reis da Bélgica, embaixadores do Japão, cinegrafistas franceses, alpinistas (sic) ausricos. Foi exatamente esse tipo de visitante, aliás, que desde cedo difundiu no Xingu uma quantidade de bens exóticos e "supérfluos", de cuja presença hoje se queixam alguns indigenistas. Os indios xinguanos teve acesso, quase que ao mesmo tempo, à enxada e ao

IDENTIDADE IMPOSTA

Note-se que, para todas estas figuras que visitavam o Xingu, o "índio" buscado, a identidade indígena construída no contato, era a do indio "puro" nos dois sentidos . Sucede que, de vários modos, e sutis, tal visão era imposta aos índios, que se viam docemente compelidos a participar de shows montados em benefício desta imagem, e que beneficiavam, não menos, __ e esta é a questão crucial _ uma certa imagem da política indigenista. Assim, estar-se no Xingu __ lá mesmo, ou mediante suas inúmeras colagens populares, na imprensa, no teatro, nos cartões postais __ era participar de uma representação altamente estilizada das relações in lios-brancos.

Em contrapartida eram índios xinguanos que vinham às cidades representar o "índio brasileiro" em certas e especiais ocasiões, outros tantos rituais inter-étnicos — Bienais, exposições, encontros com presidentes, etc. A cultura xinguana preservava-se na medida em que servia como exemplar da "cultura indigena". Em suma, os índios xinguanos eram os "embaixadores" da miserável e explorada população indígena do país, requisitados sempre que se fazia necessário dar um toque de "brasilidade" a alguma coisa.

Todo este processo, afinal, respondia pela relativa integridade do Parque do Xingu e do modus vivendi dos grupos ali localizados. O afluxo de repórteres, turistas e visitantes ricos garantia a divulgação do trabalho realizado no PIX, e serviu também, muitas vezes, como nstrumento de negociação dos responsáveis pelo Parque, os irmãos Villas Boas, até 1975 na luta pela sobrevivência do PIX, através dê oações generosas e influências políticas. igualmente, a transformação dos Villas Boas em paradigma de sertanismo heróico e devotado foi arma importante nesta luta. Poi longo tempo, foi o carisma pessoal e a habilidade política dos Villas Boas que assegurou a preservação do Xingu contra a voracidade de empresas agropecuárias e a irresponsabilidade do Estado. Os símbolos, sabemos, são eficazes; são também poderosos. Mas o poder efetivo de que dispõem os Villas Boas acesso aos meios de comuni-cação, trânsito junto aos governantes tem seus custos e seus limites _ é um poder estritamente pessoal, que pode ser exercido desde que não pudesse organizar uma crítica prática e radical dos princípios mesmo de uma política indigenista que, em troca do descaso sistemático pela situação de espoliação da imensa maioria dos índios no Brasil concedia o direito a existência precária de um Parque de símbolos. Fique claro que não vai aqui nenhum julgamento das intenções e convicções dos Villas Boas; vai apenas a constatação de que o sentido de ações in-dividuais depende do campo histórico e politico em que estas mergulham.

A EXCEÇÃO E A REGRA

Hoje, porém, creio estarem os antropólogos e sertanistas em condições de avaliar os resultados deste sistema ideológico. O Parque do Xingu, uma conquista real do indigenismo, veio a funcionar como legitimação da política indigenista oficial.

O fato de certas vozes governamentais terem, repetidas vezes, se manifestado contra a experiência xinguana por ser "utópica", "romântica", etc. não impede que, de certa forma, o existir do PIX tivesse sua funcionalidade. Enquanto fosse um existir de exceção, é bom lembrar; exceção que, contra si mesma, garante a perpetuação da regra.

Pelo contexto em que se inseriu, o PIX veio a ser arma de dois gumes. Por um lado, para os xinguanos, o estar na vitrine era uma estratégia de sobrevivência, de que tinham consciência e de que sabiam se utilizar, não sem

mostrar uma fina ironia; para aqueles que olhavam a vitrine, era um cenário que dava uma boa idéia da riqueza e beleza de um Brasil indígena destruído pela cupidez e estupidez incuráveis da civilização ocidental. Mas há o outro gume: para os xinguanos, a missão de serem metáforas de si mesmos produziu uma relativa alienação da consciência étnica xinguana; do ponto de vista nacional,, serviu habilmente para mascarar e desviar a atenção dos massacres, exploração e descaso oficial a que estavam e e estão submetidos os demais povos indígenas.

A experiência do Xingu tornou-se assim, ambigua. E. a identidade xinguana, malgrado si, paradoxal.

ALEGORIA SIMBÓLICA A alienação se produzia na medida em que a

relação dos xinguanos com sua própria identidade e condições de existência era mediada

pela missão metaforizante que cumpriam, e

que os impedia praticamente de perceber e

assumir o destino comum que partilham com todos os indios brasileiros. Ela se funda também no fato de que o tipo de exploração a que os xinguanos estão submetidos é diverso daquele que subjuga seus irmãos indígenas. Pois, em vez de verem suas terras tomadas totalmente por grileiros e empresas multinacionais, e de terem sua força de trabalho alugada diretamente ao capital, os índios xinguanos habitam um exiguo espaço ritual, e tem sua força de trabalho simbólico posta a serviço dos aparelhos ideológicos de Estado. Numa dialética algo diabólica, dava-se como que uma expropriação da identidade indígena xinguana, ao se permitir seu exercício em condições alegóricas __ limitada à geografia mítica do PIX e ao mesmo tempo expandida à condição de indianidade brasileira genérica. Em resultado, os índios xinguanos transformavam-se em tristes tropos de uma fictícia "inocência original" perdida pelos outros indios, e avidamente consumida no mercado de bens simbólicos da sociedade brasileira. Ao se tornarem "típicos", passavam a figuras de retórica dentro de um discurso violentamente etnocêntrico que roubava a palavra aos indios: aos xinguanos, e aos demais, estes sim típicos, com seus trastes e seus trapos.

Lamenta-se, hoie, o que seria, a "perda da autenticidade e da inocência" da cultura xinguana. Há que ver o que significa esta autencidade no contexto em que ela foi produzida. Ninguém pode deixar de admirar e respeitar o vigor e a beleza das formas culturais xinguanas vigor e beleza que nada tem a ver com qualquer "inocência", categoria que ex prime uma complacência ignorante que é a outra face do desprezo destruidor nem de perceber que seu estudo e divulgação podem muito bem se constituir numa denúncia eloquente do estado a que foram reduzidos tantos outros povos indígenas, cuios mitos rituais e formas sociais foram outrora igualmente belos e vigorosos. Mas é preciso ver que a "autencidade" xinguana, na medida em que era uma construção ideológica dentro de um discurso de dominação, terminava e terminou sendo algo paradoxal, que se negava a si mesma. Não me refiro aí ___ note-se bem _ à relação interna, e inapreensível por nós, de cada indivíduo xinguano com sua cultura, mas à ficção políticoideológica que canibalizou, incorporou esta autencidade a um contexto essencialmente inautêntico.

POLÍTICA PATERNALISTA

Ora, a luta em defesa da integridade cultural

dos grupos indígenas não precisa, e sobretudo não deve mais, ser justificada "para os branpaternalista ultrapassado, facilmente convertido em seu oposto aparente: o progressismo auto-satisfeito daqueles que consideram um 'dever " estender aos bárbaros as maravilhas da civilização ocidental-cristã [leia-se: economia capitalista). A luta pela integridade cultural deve inserir-se na luta decisiva pelo direito indígena à terra, a condições justas de intercâmbio com a sociedade envolvente, e a auto-determinação. Nessse sentido, lutar pela preservação e integridade do Parque do Xingu é algo essencial, bem como pela criação de quantos parques e reservas forem necessários. Se o PIX, uma efetiva conquista do indigenismo, chegou a ser usado ideologicamente como o foi, como máscara, ponha-se isso na conta das estúcias do sistema. O preço pago or sua sobrevivência em condições dignas talvez não precise continuar xinguana persiste e persistirá na medida em os índios do Xingu tiverem garantido seu acesso à terra e a condições justas de contato. Autencidade cultural e auto-consciência étnica não se excluem, muito pelo contrário; a autencidade é uma categoria que só tem sentido dentro da luta pela assunção de uma identidade étnica, e esta só existe na diferença. A diferença é hoje, para os índios brasileiros ameaçados de todos osmodos, mais que uma questão "cultural" __ é uma questão politica. Pensá-la fora deste marco, é pensá-la críticas ao "estado atual" do Parque do Xingu.

O XINGU HOJE: MUDOU, PARA PIOR?

O fato mais importante de toda esta novela em torno da mudança de direção do PIX foi, sem dúvida, a reação expressa pelos xinguanos, que indica que algo está mudando. Os índios se manifestaram contra a saída de Olympio Serra, a forma como ela se deu (sem se consultar os índios — naturalmente...), contra a exibição da telenovela. A própria intervenção de Orlando Villas Boas, ao apresentar o novo diretor, não foi bem recebida cf. ESP, 8/12/78).

É curioso observar como esta reação foi interpretada. Ela foi considerada "inautêntica"; sugeriu-se queos índios tinham sido "industriados" pelo ex-diretor, e que oslíderes da reação eram uma elite assalariada do Posto Leonardo Villas Boas, que estaria-se sobrepondo às "lideranças históricas" dos grupos, Pior ainda, pintou-se um negro quadro (1STO nº. 108)- da "descaracterização cultural" dos xinguanoz, agora consumidores de bens supérflos e ideologias exóticas. Foi-se a inocência.

De fato, parece que a inocência "foi-se"; em seu lugar, constroi-se a consciência de si. Isto se deve a vários fatores, dos quais os mais importantes são, creio eu, o relativo vácuo criado poder pela saída dos Villas Boas em 1975 - isto mais que quaisquer "idéias" postas por Olympio Serra na cabeça dos índios, permitiu uma expressão mais autônoma das lideranças xinguanas, sem a mediação paternal mas firme dos antigos diretores __, e o amadurecimento de uma nova geração, cuja experiência do mundo dos brancos é mais diversificada que a de seus pais. O argumento da "manipulação" dos indios por algum branco não deve nem ser considerado; ele exprime um profundo desrespeito pelos indios, ao julgá-los incapazes de serem mais que puros objetos de êxtase estético-moral por parte dos brancos. É irônico: incipiente tomada de consciência etnicopolítica dos xinguanos é tida por inautêntica, teleguiada quando na verdade era a inocente autencidade "original" perdida qua dependia dos brancos para se reproduzir, e servia aos interesses ideológicos já mencionados. A questão da formação de lideranças espúrias, que percebem altos salários, é algo a ser examinado com cuidado. Em primeiro lugar, as "lideranças históricas" são, também elas, fruto e função de um contato com os brancos. Boa parte dos velhos líderes xinguanos foram auxiliares indispensáveis dos Villas Boas nos tempos iniciais do contato e do PIX, e isto ajudou quando não foi decisivo, na consolidação do poder de todos (Villas Boas in-clusive). Em segundo lugar, pelo menos uma destas lideranças históricas, Kanatu (um dos chefes Yawalapiti), manifestou-se violentamente contra o modo traumático com que todo o processo do afastamento de Olympio Serra se desenrolou. Por fim, não creio que os empregados do Posto Leonardo)a "elite" assalariada), em sua maioria originários de grupos do norte do Parque (o P. Leonardo assiste os grupos do sul do PIX, que formam um sistema altamente integrado em termos sócioculturais) tenham condições de impor alguma iderança sobre os "xinguanos históricos", isto e, os grupos do sul. A questão geral da li-

indivíduos, sempre indivíduos...

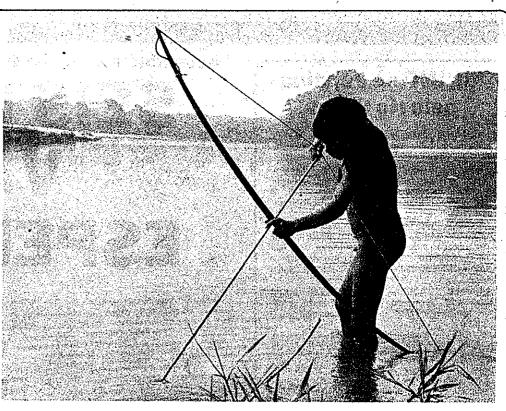
Quanto à "descaractarização cultural" dos xinguanos, eis aí um juízo pelo menos suspeito, ainda mais por lançar mão de um clichê sempre eficaz. A força de uma cultura não se mede nem se mostra apenas, ou principalmente, por sinais externos __ mede-se e mostra-se também pela capacidade de formular respostas aos problemas do mundo em que se insere. Os "bens superfluos" que os vinguanos são acusados de consumir merecem uma palavra. Em primeiro lugar, a noção de "supérfluo" não faz grande sentido fora de uma economia capitalista; a economia vingual propertica de consumir ma palavra.

derança, porém, não deixa de ser sintomática;

como houve reação, buscam-se os "líderes"

fora de uma economia capitalista; a economia xinguana ' uma economia de prestígio regida por princípios bem diferentes dos de produtividade e rentabilidade. Assim, a jueixa aparentemente purista peca por partii de princípios etnocêntricos. Em segundolugar, o consumo de "supérfluos" pelos xinguanos me parece bastante justo __ era assim que eles eram pagos pelo aluguel de sua força de trabalho simbólico. Eles também eram consumidos como "supérfluos", artigos de luxo. Por fim, o mundo xinguano não é, nem nunca foi, aquele mostrado nos livros ilustrados para exportação — ou melhor, foi sim, de certa maneira. Da maneira paradoxal a que me referi. È o paradoxo da identidade xinguana é esse: para serem eles mesmos, índios xinguanos precisam abandonar a máscara de autencidade que lhe lhes foi imposta. Na reação à arbitrariedade, paternalismo e desprezo com que foram tratados, deixaram pela primeira vez de ser metáforas e passaram ao pé da letra _ à raiz. E o dilema xinguano, hoje é esse: "Ser índio"

> Eduardo B. V. de Castro Museu Nacional — RJ



Kayapó repetem Xingu

MORTOS 20 PEÕES ENGANADOS POR FAZENDEIROS



URGENTE (última hora) — Quando fechávamos esta edição, vinte pessoas — quatorze homens, três mulheres e três crianças — foram mortas a golpes de borduna num ataque realizado no dia 1°. de setembro por 105 índios Kayapó, da familia Gorotire à fazenda Espedilha que invadiu seu território.

De acordo com o delegado da FUNAI em Belém, Paulo César Abreu, que se deslocou para a área com cinco policiais armados de metralhadora, os Kayapó atacaram os ocupantes da fazenda depois de terem recebido golpes de machado e facadas. As facadas teriam atingido os índios Ireo e Mekoika, mas não se sabia até então a gravidade de seus ferimentos.

Há muito tempo os Kayapó vem denunciando a invasão de seu território por fazendeiros inescrupulosos. Inclusive, no início de junho do corrente, a FUNAI foi avisada dos desmatamentos realizados por vários latitundiários, e não tomou nenhuma medida capaz de evitar o conflito. A mesma história ocorrida no Xingu se repete.

Nas últimas semanas, cansados de esperar providências da FUNAI, os Kayapó viram o retorno de 600 peões enviados pelos fazendeiros que iniciaram o processo de "queimada" nas terras dos índios. No dia 30 de agosto, 1.800 homens foram contratados pelos fazendeiros.

raram uma expedição para verificar a veracidade da informação, mas quando chegaram à fazenda Espedilha — em pleno coração do território dos Kayapó — o capataz Jones os ameaçou com arma de fogo. Os índios tomaram a arma do capataz e — segundo o cacique Poropoti — uma mulher pegou uma faca ferindo o índio freo na barriga, enquanto outro elemento ligado ao capataz feria Mekoika na cabeça. Revoltados, os Kayapó se defenderam e atacaram: Após o ataque, exatamente como no Xingu, os índios; pintados de preto, executaram uma dança. Como no Xingu, os índios não tinham intenção de matar os peões, conforme declarações do "capitão" dos Kaipó, Kanhoco. Como no Xingu, os fazendeiros, advertidos com antecedência, utilizaram os peões como "buchas de canhão".

No dia 1º. de setembro, os índios prepa-

O mais grave de tudo é que com outras nações indígenas está acontecendo processo semelhante, como é o caso dos Xikrin que recentemente aprisionaram oito pessoas da fazenda "Pau D'Arco". Esses conflitos ameaçam se generalizar em todo o território brasileiro, caso não sejam dadas as garantias mínimas de sobrevivência para os povos indigenas com a demarcação de suas terras.

ASSEMBLÉIA

UNIND se espalha pelo rio Purus

A UNIND, União Nacional do Índio, já está presente para os Kulina, Caxinawá, Apurină, Paumari, Jaruara e Jamamadi que partici-param da Assembléia. Todos os representantes indigenas afirmaram a necessidade urgente de se organizarem, de unificar as forças e a solidariedade como solução mais acertada.

Frente à inoperancia da FUNAL os povos indigenas partem para construir a sua própria organização e demarcar suas terras, expulsar os fazendeiros guardar com todo respeito a própria identidade como nação e como

AMADEU _ Apurină: "Se a FUNAl não dá terra, nois temos que nos unir e tomar terra. Nós temos que fazer força para nois continuar a viver".

RIMANA __ Kulina: "O branco tomou nossa terra, e agora vamos se unir para tomar de novo a nossa terra. Por isto eu chamei vocês, para nos ajudar a segurar e se vocês precisam, pode chamar que nois ajuda". PANCHO Caxinawá: "Tem que ver este

problema da terra. Nós somos UNIND mesmo, vamos demarcar a nossa terra, nós Kulina e Caxinawá junto. Nós todos temos que se ajudar, para os fazendeiros sairem. se não sair nós vamos botar força".

PANTCHO Caxinawá: "Nós queremos que as três addeia, Maronawa, Fronteira e S. Amaro fica tudo num só, tá tudo picada feita, só falta marcar. Nós queremos juntar terra com Kulina porque tudo irmão e pode. ajudar todo junto"

Em Manacapuru-Am:

BRASILJUTA **EXPULSA 30 APURINĀ DOLAGO**

Apurina, depois de terem aldo expulsos de uma margem do lago, agora estão ameaçados de despejo da outra margem. A BRASILJUTA não quer os Apurina no Lago do Meriti e des-pachou um engenheiro de Manaus com a finalidade de fazer o loteamento das terras no roçado dos Apurina.

Sem ter para onde ir, os Apurina, comandados pelo tuxaua João Inacio Queiroz, estão dispostos a resistirem e não abandonar a

Segundo o agente de pastoral Wilson Lima da Costa, da paroquia tocal, os indios Apurina chegaram em Manacapuru em 1972, vindos do Acre Não se sabe o motivo dessa mudança. Provavelmente foram empurrados pelos fazendeiros das áreas onde moravam anteriormente.

A tranquilidade não durou multo tempo. Em 1976 surgiu o rico comerciante, dono da Serraria Manacapuru, Sr. Hapito Pereira, dizendo-se legitimo dono das terras onde moravam os Apurinā.

Como a FUNAl simplesmente não existe nessa cidade, e a "Justiça" sempre dá razão aos fazendeiros e aos ricos, os Apurina tiveram de cair fora da terra, delxando as benteltorias para serem destruidas. Lá se foram suas plantações e não receberam nenhuma indenização pelos prejuízos materiais. Tudo porque o Sr. Hapito Pereira achou por bem vender suas alegadas propriedades para um órgão do governo, a COBAL. Sendo um grupo Indigena, não poderiam ter sido expulsos. Sem garantia de terra para trabalhar e viver os Apurina, mesmo como posseiros, tinham direito sobre a terra.

PESCA PROIBIDA

Como em certas ocasiões não há argumento contra a força, os Apurina preferiram então mudar-se para a outra margem do lago. Uma area insuficiente que permite viver apertado. Mas os Apurina não escapam da mira dos poderosos da cidade. Um rico comerciante, o magnata" João D' Angelo proiblu os Apurina de pescarem numa vasta área do lago do Meriti. O D' Angelo se julga dono da terra e do rio. A pesca é privativa para os fins de semana da familia. Enquanto isso, os indios encontram dificuldades de se allmentarem.

Uma solução que ignore os direitos preferenciais dos Apurina sobre a area que habitam NÃO será uma solução justa. Os Apurina es-tão cansados de serem joguetes nas mãos de comerciantes que querem a terra para negócios. Estão chelos de bancarem o ping-pong, pra lá

A Paroquia de Nossa Senhora de Nazaré através do empenho do Wilson Lima da Costa, está organizando formas mais concretas de ajuda a lesse povo indigena. (R.P.P)

II Assembléia Indígena do Purus

SEIS NAÇÕES NÃO **VÃO MAIS** ESPERAR A FUNAI

Chegaram em Moronawa, aldeia dos índios Kulina, no dia 26 de junho, os representantes seguintes nações indígenas: Kulina, Caxinawa, Apurina, Paumari, Jaruara e Jamamadi, para a Assembléia Indígena, que eles próprios programaram desde o ano passado. A Il Assembléia Indígena no Regional CIMI-Norte I ocorreu de 28 a 30 de junho de 1980.

Os índios, vindos do médio Purus, da região de Lábrea (AM), fizeram uma viagem de 23 dias para chegarem ao local da reunião. Um indio vindo de Envira fez uma caminhada de 6 dias pela mata.

Então, todos nós queremos um lugar tranquilo para poder viver tranquilos como os nossos avós viveram, sem fazendeiro. "Essas palayras do Apurina Amadeu expressam a as-piração dominante dos representantes que participam Assembléia. Todavia, sabem todos que não devem confiar na FUNAI, que só fala "fala muito bonito, mas não cumpre sua palavra", como sintetizou o Caxinawá Pantcho.

"Agora nós não vamos esperar a FUNAI, nós mesmo FUNAI". Os participantes da Assembléia chegaram a conclusão de que a união das nações indígenas é melhor caminho para resolver os graves problemas que estão passando. E estão dispostosa demarcarem suas terras e todos juntos expulsarem

os fazendeiros. Os Kulina do Maronawa haviam preparado tudo para receber da melhor maneira possível os índios vindos dos mais diversos e distantes lugares. A reunião contou com a presença de 34 indios, que consentiram na presença de Anselmo e Marta, missionários do CIMI, apenas para fazer anotações.

SEGURAR A TERRA

AMADEU Apurină: "Entonce, nóis todos aqui estamos para conversar. Tuchaua Kulina (Rimana) acolheu todos bem para nóis se en-contrar para conversar. Então o que nóis devemos querer é a terra que dá prá nóis viver muito tempo. Então aonde moro (Seruini) chegou a FUNAI.

Se a FUNAI não dá terra, nóis temos que nos unir e tomar terra. Nóis temos que fazer força

para nóis continuar a viver".

FAUSTINO — Apurinā: "Eu vim aqui para segurar minha terra. O branco quer tomar meu terreno aí eu não deixa não. Branco chegou lá Chico Barro e diz que tem papel de terra nossa. Eu disse que se ele não sabia que terra nossa, indio. Diz Chico Barro que se índio não solta terra ele vem traz bomba, aí eu disse que pode trazer que vou morrer ai mesmo porque terra é minha.

AMADEU Apurină: Diz assim, chegou lá um cara da FUNAI, Chico Barro comprou esse

PANCHO __ Caxinawá: "Eu vim para segurar a nossa terra. Nós somos FUNAI mesmo, vamos demarcar a nossa terra, nós Kulina e Caxinawá junto. Nós queremos um pedaço de terra único para Kulina e Caxinawá. Primeiro a FUNAI queria fazer três pedaços, mas nós queremos só um pedaço de terra. Primeiro era três picadas (delimitação feita pela FUNAI), S. Amaro Fronteira e Maronawa. Agora nóis quer tudo junto porque se ficar um pedaço no meio o fazendeiro entra. Primeiro mora tudo espalhado, agora nós estamos todos juntos e queremos viver lá. Vamos botar para fora este

Primeiro nós vamos pedir para os branco sair, se não sai, segunda vez fala de novo e se não sai, ai reúne Kulina e Caxinawá ai põe pra fora à força. Se o branco não sair, vamos

CHICO SERAFIM __ Paumari: "Bom pessoal, vim dizer aqui a situação do meu pessoal. Bem, tem branco lá na minha terra que trabalha, vou deixar ainda este verão e depois tem que ir embora. O Tino (Falcão Filho, Prefeito de Lábrea) está colocando gente, mas eu não quero não. Agora se não sair, eu vou fazer reunião, vamos fazer umas flechas, pin-tar a cara, vem chamar meu pessoal lá de cima e vamos ver se o durão não vai sair".



Em Matonawá, aldeia do cacique "Manduquinha", líderes organizam a unidade dos povos in-



covada como símbolo de luta pela terra in-

... Apurinā: Bem, aqui eu vim, de muito longe. Viemo participar da reunião. Chegemo aqui com o tuxaua Manduquinha (Rimana). Gostei da conversa e acho que está tudo certo. Se ele está trabalhando para ajudar nóis, aí nóis ajuda também ele. Se nóis não pode, ai tem que vir um chefe de outro tribo para ajudar a segurar terra. Chama Jamamadi, Jaruara, Apurinã e outros, tá cer-

Todos aplaudem e concordam que tem que ser assim mesmo.

"Pois é rapaz, primeiro nóis estava tudo espalhado lá em Lábrea agora estamos tudo unidos. O Tino é Prefeito, o Mustafá é dono da látex, o Tino se queria que é prefeito ele é seringalista comerciante. O Mustafá é o dono do Pauini e látex de Lábrea. Por que eles querem tanta guerra?"

FORA A CACHAÇA

AMADEU ... Apurină: "Somos 8 nações e ninguém precisa ter vergonha. Todos fala que FUNAI aparece mas não vem. Engenheiro é nosso terçado e se nóis fizer o pique, depois não adianta outros vim chorar. Lá em casa também acontece que tem fazendeiro e marreteiro safado que chega e vende cachaça; depois, quando o índio está embriagado o marreteiro leva o produto e vai embora. Tem 12 ou mais fazendeiros que têm muita terra, porque nóis índio não tem direito a terra? Eles (fazendeiros) tem polícia, tem tudo para se defender; mais nóis tem flecha e ele não escapa, nóis estamos avisando provisoriamente, mas se não sei, sai, nóis mata e como amoquinhado. Eles (fazendeiros) tem avião para andar rápido, mas nois tem canoa e nem que leva três meses nois chega para se ajudar". PANCHO — Caxinawa: "Agora nois não

bebe mais cachaça, cachaça não presta, estraga a gente, queima o coração. Cachaça não

_ Kulina: "Quero dizer que para tuxaua de S. Amaro não deixar entrar cachaça porque cariú (branco) só vende cachaça para depois conseguir terra. Antônio Manoel (marreteiro) só vende cachaça para indio e só

CONVERSA FIADA

PANTCHO __ Caxinawá: "Pois irmão escuta minha palavra, eu vou falar sobre a FUNAI. FUNAI conversa para ajudar índio. FUNAI chega um dia na maloca e trás um sabão, querosene e diz que quer ajudar índio e ganha dinheiro. Por nois, mas não ajuda indio não. FUNAI está em tudo canto, FÚNAI é um pessoal mentiroso e são ladrão e são maluco. FUNAI é umas pessoas que vende nossa terra e ganha muito dinheiro e nós não sabe nada. FUNAI conversa muito bonito, eles são sabido. Nois coitado de índio não sabe de nada e FUNAI vende a nossa terra. Fala muito bonito mas não cumpre a sua palavra. A FUNAI ganha muito dinheiro a nossa custa. Nois trabalha, eles vende n osso produto e ganha muito dinheiro com o nosso trabalho. Isso eu já vi em Rio Branco (Acre). FUNAI não presta de nada. FUNAI em Rio Branco, eu pelejei e não consegui nada".

JOÃO __ Apurinã: "FUNAI só tem conversa, diz que vem tal dia ou tal mês e só é conversa. Agora FUNAI tem que ser nois mesmo. Então eu vim de longe e prefeito de Lábrea diz que não tem direito a terra, mas todo mundo é sabedor que lá morava índio. Então antiga mente só tinha índio. Então veio a FUNAL mas não presta, não dá o direito ao branco sair, mas nois mesmo vamos marcar nossa terra. Depois veio um funcionário da FUNAI, Apoena Meireles e disse que podia tirar a nossa terra e depois disse que não podia mais, porque estava no meio dos branco, mas devena pensar com a cabeça, quando diz

uma palavra que tem que ser cumprida".

AMADEU ___ Apurinā: "Porque se a gente espera da FUNAI, não adianta, eles só faz FUNAI, é um careca, bebo, um louco, ou cachaceiro ou leso e diz que trouxe a caixa de fósforo, mas não adianta, a caixa se acaba e a nossa terra não se acaba.